

UNISAL

CONRADO GUILHERME HEYDEN

Projeto Basquetebol e Cidadania

**Americana-SP
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNISAL

CONRADO GUILHERME HEYDEN

Projeto Basquetebol e Cidadania

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação. Área de Concentração: Educação Sóciocomunitária à Comissão Julgadora do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr, Luis Antonio Groppo.

Americana-SP
2010

Heyden, Conrado Guilherme
H53p Projeto basquetebol e cidadania / Conrado Guilherme
Heyden. – Americana: Centro Universitário Salesiano
de São Paulo, 2010.
110 f.

Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL – SP.
Orientador: Prof^o Dr^o Luis Antonio Groppo.
Inclui bibliografia.

1. Esporte e lazer. 2. Esporte educacional.
3. Educação não-formal. I. Título.

CDD – 370.193

Catálogo elaborado por Terezinha Aparecida Galassi
Antonio

Bibliotecária do Centro UNISAL – UE – Americana – CRB-8/2606

Autor: Conrado Guilherme Heyden

Título: *Projeto Basquetebol e Cidadania*

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 11/12/2009, pela comissão julgadora:

Prof. Dr. Luis Antonio Groppo (orientador- UNISAL)

Dr. Paulo de Tarso Gomes (membro interno – UNISAL)

Prof^a. Dr^a. Margareth Brandini Park (membro externo – UNICAMP)

Dedico este trabalho aos meus pais, Terezinha (in memoriam) e José Eurico, por serem um exemplo de perseverança, fé e trabalho.

À minha esposa Silvana, que sempre soube entender a minha ausência e me ajudou de todas as maneiras. Com todo meu amor.

Aos meus maiores amores e orgulho da vida, Josie, José Marcos, Igor e Ivan.

À minha irmã que sempre me ajudou com suas orações.

Ao meu orientador por sua inteligência e paciência para comigo.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão de mais essa etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me possibilitou realizar este trabalho.

À minha família pelo estímulo e compreensão.

A meu pai, por tantas palavras sábias que me deram ânimo quando mais precisei.

A todos os alunos e ex-alunos que se dispuseram a participar desta pesquisa.

A todos os Professores do Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano – Americana-SP, que contribuíram para que esta fase da minha vida acadêmica se realizasse.

Em especial, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luis Antonio Groppo, pelo apoio nas dificuldades, incentivo nos momentos de desânimo, pelas inúmeras conversas e discussões na construção desta dissertação, me conduzindo de forma amigável nesta fase da vida.

“De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. É importante fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro...”

Fernando Sabino

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 EDUCAÇÃO E ESPORTES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	16
1.1 Esporte e lazer	16
1.2 Educação e Cidadania	21
1.3 Educação e Esporte	24
1.4 A política de Esporte Escolar no Brasil	27
1.5 Educação pelo Esporte	31
2 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL, ESPORTES E JUVENTUDE.....	37
2.1 Educação Não-formal e Projetos Sociais	37
2.2 Crianças e Adolescentes em Situação de Risco	42
3 PROJETO BASQUETEBOL	48
3.1 História	48
3.1.1 O Começo	48
3.1.2 Segunda fase	50
3.1.3 Terceira fase	51
3.1.4 Quarta fase	53
3.1.5 Quinta fase	55
3.2. O Projeto Basquetebol Atual	58
3.2.1 Os recursos	59
3.2.2 Os parceiros	60
3.2.3 Os jovens	64

3.2.4 A dinâmica do projeto	65
4 VOZES E EXPERIÊNCIAS	69
4.1 O grupo de 1994	70
4.1.1 O começo	72
4.1.2 Apresentação	73
4.1.3 Motivações	74
4.1.4 Vitórias e Realizações	76
4.1.5 Derrotas e Dificuldades	79
4.1.6 Mudanças	81
4.1.7 Contribuições para o futuro	83
4.2. As vozes dos atuais jovens	84
4.2.1 Motivações	86
4.2.2 Aprendizados	87
4.2.3 Mudanças	88
4.2.4 O futuro	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	95

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo estudar e compreender em que medida o “Projeto Basquetebol e Cidadania” educa e socializa crianças e jovens de uma cidade do interior de Minas Gerais. Busca entender sobre o futuro desses jovens, que vivem em sua maioria numa situação de risco social. Como tema principal, temos o esporte que, segundo alguns autores, é o melhor meio de tirar crianças e adolescentes das ruas, propiciando novas maneiras de viver, de educar e de socializar. A bibliografia estudada foca também a educação não formal, além de indicar o caminho do esporte educacional como a melhor forma de lidar com adolescentes em situação de risco social, e de como o esporte, se torna um direito de todos, ajudando a criança e o jovem em sua formação integral. Foram feitas entrevistas com ex-alunos e alunos do Projeto, nas quais foram apresentadas suas experiências e relatadas as transformações que eles perceberam em suas vidas. A interpretação destas entrevistas reafirmou os resultados da pesquisa bibliográfica supracitada.

Palavras chaves: Esporte e Lazer. Esporte educacional. Educação não formal. Esporte como direito. Situação de risco social.

ABSTRACT

This thesis aims to study and understand to what extent the project "Basketball and Citizenship education and socialization of young children and a city in Minas Gerais. Seeks to understand the future of these young people, who live mostly a social risk. As the main theme, we have a sport that, according to some authors, is the best way to get children and teenagers from the streets, offering new ways of living, to educate and socialize. The literature study also focuses on non-formal education, and that the path of the sport education is best for dealing with adolescents at social risk, and the sport as a right for all, should help the child and couple in comprehensive training. Interviews were conducted with alumni and students of the Project, in which were presented their experiences with the project and reported that the transformations they saw in their lives. The interpretation of these interviews confirmed the results of the literature above.

Keywords: Sporting Goods. Sports Educational. Non-formal education. Sport and law and social risk.

1 INTRODUÇÃO

Durante 23 anos, tenho trabalhado com alunos da rede Municipal de Ensino na cidade de Alfenas/MG desenvolvendo atividades físicas voluntariamente com alunos de 11 a 17 anos que convivem com uma situação de risco. Este trabalho tem o objetivo de orientá-los para uma melhor perspectiva de vida, usando a experiência que tenho com o basquetebol. O que se propõe é conseguir melhores condições de educação e de socialização, de forma que eles possam ter uma vida digna, ser cidadãos trabalhadores, produtivos, participadores e críticos na comunidade em que vivem.

No dia a dia do trabalho com esses jovens e adolescentes, procuramos dar oportunidade para que eles extravasem sua aflição e reencontrem-se ali, neste treino de disciplina, de educação e de técnicas de esporte, no caso o basquetebol. O resultado deste trabalho tem sido positivo, uma vez que tenho percebido que as crianças e adolescentes começam a se interagir melhor.

A educação tem por finalidade precípua auxiliar o homem a edificar sua própria personalidade e integrar-se de maneira ativa na sociedade em que vive. E, como acredito que o esporte contribui ao enaltecimento do ser humano, penso que ele tem uma contribuição crucial a dar à educação.

No que se refere especificamente às atividades motoras desenvolvidas na prática do basquetebol por essas crianças e adolescentes, além de contribuir de forma preponderante no seu desenvolvimento somático referente ao funcionamento do corpo, elas também estimulam e desenvolvem suas funções psíquicas.

É aqui que vejo presente a educação social. Ela se apresenta nestas atividades de basquetebol, já que está intimamente ligada às atividades psicomotoras que caracterizam o homem, e, portanto, tem papel importante para as crianças e adolescentes em período de crescimento, particularmente aqueles que se encontram na faixa etária compreendida entre 11 e 16 anos.

Estes devem se dedicar à prática esportiva motivadora de ensino-aprendizagem, pois que facilita o diálogo e os estimula constantemente. E toda criança e adolescente deve ter este direito de conhecer outros tipos de educação para poder cada vez mais se integrar de forma ativa na sociedade.

O motivo de começar este trabalho foi porque estava desempregado e pensei em ajudar de alguma forma as crianças e os adolescentes que moravam em situação de risco. Coloquei à disposição deles aquilo que aprendi e estudei - o basquetebol.

Como tento ser formador, educador de seres humanos sociáveis, tinha a convicção que todos os alunos que tivessem a oportunidade de ter a mesma condição de aprender seriam participantes. Resolvi usar como recurso o basquetebol, porque considero esta modalidade esportiva muito educativa, uma vez que leva a criança ser criativa, com infinitas possibilidades ao desenvolvimento da aprendizagem motora; por ser um esporte que exige muita disciplina, principalmente dos alunos novos, os quais, quando chegam para aprender, têm muitas dificuldades em se adaptar devido às diversas normas a serem seguidas. Esta atividade esportiva também funciona como aprendizagem de vida aos alunos que já sabem das limitações dentro do Projeto Basquetebol e Cidadania e dentro da aprendizagem do basquete; eles vão ensinando aos mais novos. Considero importante este esporte também pela imprescindível necessidade do trabalho em equipe para o alcance dos objetivos comuns. O trabalho em equipe ajuda a conviver, socializar, dar e receber atenção, desenvolver a sua parte afetiva pelo próximo, atender às exigências da vida em sociedade.

Então coloquei as ideias em prática e comecei a ter a oportunidade de realizar aquilo que tinha vontade: dar aulas de basquetebol, com vistas a facilitar o processo ensino-aprendizagem, de forma a fazer chegar ao próximo o repertório motor que a criança deve obter para o seu desenvolvimento correto.

Essas atividades são realizadas atualmente no ginásio poliesportivo "Tancredo Neves", na Praça de Esportes do Município, na quadra Municipal do

bairro Santa Rita e na quadra da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), com alunos da rede de ensino público municipal e Estadual da cidade de Alfenas/MG, com recursos municipais¹.

Desde o ano de 2000 temos uma procura satisfatória de alunos. O nosso auge foi no ano de 2002, quando tínhamos cerca de 260 alunos da rede municipal de ensino. Hoje temos 47 alunos praticando e aprendendo basquetebol, ao mesmo tempo em que também aprendem a melhorar a vida escolar e social destes jovens que, em sua maioria, vivem em situação de risco.

A implementação do Projeto Basquetebol e Cidadania me incentivou a fazer um mestrado em educação, para investigar quais foram os resultados alcançados por essa ação esportiva para a educação e a socialização dos alunos. Parti do princípio que, com a realização do mestrado, evidências científicas poderiam ser a base para o conhecimento da importância do “Projeto Basquetebol e Cidadania” para o futuro de crianças e adolescentes.

Coloquei como problema para a pesquisa que deu origem a esta dissertação a seguinte pergunta: Em que medida a experiência do aprendizado de basquetebol realizada nos anos de 1994 a 2002 na cidade de Alfenas propiciam a educação e a socialização de crianças e adolescentes que vivem em situação de risco social?

O objetivo desta pesquisa é o de oferecer uma visão não apenas técnica sobre o basquete, mas sim produzir um embasamento didático-pedagógico a partir da iniciativa implementada em Alfenas, tendo como referência a experiência de 20 anos trabalho neste esporte. Para que essa iniciativa se dê corretamente sob o ponto de vista pedagógico, é necessário que se faça uma pesquisa científica sobre esta experiência, uma vez que sou o único educador físico do município a ensinar e a aprender com os alunos a relação entre o basquetebol, educação e socialização.

¹ A Prefeitura Municipal de Alfenas fornece ajuda material como : bolas de basquete, Medicine-ball (bola de dois ou três kg para treinamento), cordas, cones, enfim, todo material necessário para as aulas.

Várias metas se buscavam alcançar com esta pesquisa. Pessoalmente, o que pretendia era passar adiante o que me foi ensinado desde criança até a vida adulta, alguns dos valores que seres humanos devem ter: honestidade, humildade e trabalho. Nestas áreas em que vemos crianças e adolescentes vivendo em situações de risco social devemos, como cidadãos responsáveis, mostrar à comunidade que ela pode mudar seus costumes e aceitar a se organizarem melhor. E o ensino de basquetebol colabora para isso. Na medida em que os alunos aprendem os movimentos próprios desta prática esportiva, eles começam a perceber que necessitam do outro para alcançar o objetivo traçado. Assim, começam a ter respostas para o seu limite, a sua função na equipe e a sua função como cidadão na sociedade. Enfim, a pesquisa que desenvolvi também teve um objetivo relacionado à minha formação profissional, que é exatamente formar um cidadão que pratique o esporte durante a vida, ou mesmo que se torne um atleta de alto rendimento.

O esporte, de um modo geral, é conhecido pelos benefícios que traz ao desenvolvimento humano e sua contribuição para a formação física e intelectual. Ele estabelece conceitos de liderança, trabalho em equipe e disciplina, formando indivíduos mais solidários, com espírito de cooperação. Os benefícios que o aluno poderá trazer para sociedade são: solidariedade, autoestima, respeito ao próximo, facilidade na comunicação, tolerância, sentido de coletivo, cooperação, disciplina, capacidade de liderança, respeito ao próximo e vida saudável.

Como técnica de coleta de dados, destacou-se inicialmente uma pesquisa bibliográfica, na qual buscaram-se livros, revistas científicas, teses e dissertações, entre outros, sobre temas como: educação, esporte e lazer; crianças e adolescentes em situação de risco; socialização, educação social, sóciocomunitária, formal e não formal.

Foram utilizados também documentos coletados ou criados pelo pesquisador, ao longo dos anos em que atuou como educador do Projeto: filmagens, jornais, súmulas, anotações pessoais etc.

A pesquisa realizada será apresentada em capítulos, abrangendo algumas considerações sobre educação e esportes; educação não formal, esporte e juventude; projeto basquetebol e as vozes e experiências dos alunos integrantes do Projeto Basquetebol e Cidadania.

No primeiro capítulo discorrer-se-á sobre o esporte e lazer; educação e cidadania; educação e esporte; política do esporte escolar no Brasil. Quanto ao esporte e lazer, conforme alguns autores, são necessidades do Homem, que tem em sua recreação um sentido lúdico e que organiza os princípios do esporte e afirma o lazer como direito. Em relação ao tema educação e a cidadania, ressalta-se que devem ser garantidas a paz, a liberdade e a segurança, tidas como fundamentais à civilização, assim como à criança deveria ser oferecida oportunidade de se formar intelectual e fisicamente. Assim, parte-se do pressuposto que as dimensões educativas do esporte vão muito além do lazer ou do esporte de rendimento, atingindo sua extremidade positiva com a cidadania. Dessa forma, o esporte educa com regras, com trabalho em equipe e socializa em um ambiente democrático.

Com base nessa ideia, institui-se o esporte educacional, que tem como finalidade atingir os valores sociais. Também sobre a política do Esporte Escolar do Brasil, que desde 2001 busca promover a formação integral de nossas crianças, bem como tenta valorizar a prática esportiva na escola, contribuindo assim para o futuro do esporte.

No segundo capítulo será apresentado o tema educação não formal, esportes e juventude, analisando diversas propostas com crianças e adolescentes antes de tratar do Projeto Basquetebol e Cidadania, que é o principal tema desta dissertação. Neste capítulo também será abordado o assunto de crianças e adolescentes que vivem em situação de risco.

E no terceiro capítulo será relatada a História do Projeto Basquetebol e Cidadania e suas fases de existência, além do projeto atual, preparando para o quarto capítulo, que se trata da história de um grupo de jovens formado em 1994 por meio de vozes e experiências. Neste quarto capítulo destacaram-se transcrições das entrevistas gravadas com os dirigentes e parceiros envolvidos

no projeto, com ex-alunos do grupo de 1994 e com alunos inseridos no projeto atual.

1. EDUCAÇÃO E ESPORTES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, buscarei demonstrar a função educativa que o esporte permite evidenciar na vida das crianças e adolescentes. Para explicitar os argumentos defendidos neste capítulo, remeto-me a vários autores que discutem a relação entre esporte e educação, destacando a possibilidade de que a educação pelo esporte – mais que a educação esportiva “de alto rendimento” – contribui muito para a consecução dos objetivos de inclusão e promoção da cidadania em projetos sócio educativos com crianças e jovens.

1.1 Esporte e Lazer²

O progresso da ciência e da técnica, o desenvolvimento da mecanização, as grandes concentrações urbanas, o aumento das horas de lazer, as condições de habitação, a melhoria dos níveis de vida, etc., modificaram consideravelmente o ritmo de vida; a civilização técnica provocou uma crescente necessidade de movimento, tornou-se necessária a realização de uma atividade física compensadora, passou-se a exigir a prática de um esporte-jogo, que fosse fonte de relaxamento e distração.

Conforme Daiuto (1983) o esporte é uma necessidade individual e social, uma influência que se evidencia cada vez mais dentre as atividades do homem. É fonte de saúde e de distração. Incita ação, competição, superação, esforço e, desse modo, favorece o enriquecimento pessoal. É um extraordinário meio de expressão e revela, por oposição, os limites de cada um. Se o fenômeno desportivo é universal no tempo e no espaço, se encontrou uma adesão tão permanente e efetiva, é porque realmente corresponde a certas necessidades fundamentais do homem.

² Este item baseou-se em Castellani Filho (2007), Lazarotti Filho (2007), Mascarenhas (2007), Tubino (2000) e Daiuto (1983).

Castellani Filho (2007), ao analisar a importância do esporte, indica parâmetros para que a democratização deste pudesse ser usufruída por todo o conjunto da população brasileira. Foi a partir desse entendimento que buscou sustentar a premissa maior do princípio de inclusão: a construção da percepção de ser dever do Estado garantir à sociedade, independentemente da condição sócioeconômica de seus distintos segmentos, o acesso ao esporte e ao lazer, simultaneamente, neles identificando a capacidade de inclusão social de parcela significativa da população brasileira. Com isso queria-se evidenciar a posição de não excluir a capacidade do esporte de vincular-se a outras políticas sociais, contribuindo com o processo de minimização da exclusão e de ampliação da inclusão.

É em sua dimensão recreativa, portanto, que o esporte explicita seu potencial sociabilizador, sua capacidade aglutinadora, adentrando a vida das pessoas com seu sentido lúdico, expressão de festa, de alegria, possibilitando a construção do entendimento do “como” e do “por quê”. Deste modo ele se faz presente em praticamente todos os quadros culturais das sociedades modernas.

Mascarenhas (2007) propõe organizar e sistematizar os princípios ético-políticos do esporte, do lazer e o projeto histórico embutido nas preposições pedagógicas que embasaram cada qual. O autor se preocupa em detalhar novas formas de luta e resistência que permitam frear os efeitos discriminatórios da dinâmica de injustiças e exclusão aberta pelo modelo de gestão macroeconômica enraizado em nosso país pelo avanço neoliberal, assim como contribuir para a formulação de políticas públicas e projetos sóciopedagógicos verdadeiramente inclusivos que afirmam o lazer como direito social e pressuposto de bem-estar e desenvolvimento humano.

O esporte não é um fenômeno de simples compreensão. Como afirma Jorge Bento, o esporte é polimorfo e polissêmico tem muitas formas e sentidos. Resultante dos diferentes atores e contextos sociais nos quais o esporte se insere, adquiriu múltiplas e distintas significações, sentidos e funções (BENTO, 2004).

Foram os gregos os inventores do esporte. Os gregos inventaram o esporte em nome de uma filosofia da harmonia do corpo e da alma. Inventaram-no como uma prática e um símbolo de homens livres que transcendiam e visavam o sonho de dobrar o portal de entrada do Olimpo. Portanto, o esporte surgiu no âmbito da civilização e da cultura, trazia a paz e celebrava a beleza de mãos dadas com a poesia, o teatro, a retórica, a música e com outras formas de arte (BENTO, 2004).

De acordo com Bracht (1997), o esporte é entendido como uma prática social situada no quadro da cultura corporal surgido na cultura europeia por volta do século XVII. O modelo do Esporte Olímpico tem sido a base do desenvolvimento ainda hoje, de diversas práticas esportivas, as quais, muitas vezes, não deveriam ter esse caráter como central. O esporte, como a educação para o lazer, pode buscar, antes, aproveitar o potencial das atividades para trabalhar valores, condutas e comportamentos.

Mas o esporte de rendimento é ainda hoje expressão hegemônica da cultura de movimento no mundo moderno, ou seja, uma das formas de dar uma contribuição ao país, com conquistas esportivas, medalhas olímpicas, entre outros. O esporte de rendimento traz na sua estrutura os mesmos elementos que estruturam as relações sociais de nossa sociedade: forte orientação no rendimento e na competição, seletividade via concorrência, igualdade formal perante as leis ou regras, etc.

No esporte de rendimento as ações são julgadas pelo seu resultado final e a performance esportiva mensurada/valorizada em função do código binário de vitória/derrota. Se o esporte de rendimento está presente em maior ou menor grau em toda prática esportiva, no entanto, numa determinada manifestação esportiva o alto rendimento é elevado à categoria central, ao elemento definidor e organizador das ações. É a este esporte que estaremos chamando de esporte de alto rendimento (BRACHT, 2000).

Por volta de 1950, surgiu o movimento “Esporte para Todos” para a prática em massa e atingiu todas as camadas sociais, crescendo em todo o mundo, democratizando as práticas esportivas e, ao mesmo tempo, mostrando

que seria possível ocorrer competições com o sentido de reforçar a convivência humana. Mais tarde, contudo, cresceu na mais efetiva das manifestações da Educação Física e do esporte no século XX, na década de 60, sob forma de campanha na Noruega com a denominação de Trimm e teve em Per Hauge-Moe o seu líder inicial. O sucesso do Trimm alastrou-se rapidamente por toda Europa e, em 1960, foi realizado então o 1º Encontro Internacional do Esporte para Todos, na Alemanha Ocidental com a participação da Noruega, Alemanha, Suécia, Holanda e Bélgica. E finalmente em 1973, com adesão de 19 países, foi realizada a conferência TRIMM and FITNESS Internacional. E neste mesmo ano, em Buenos Aires o Esporte Para Todos foi uma sessão das “Jornadas Internacionais de Estudo sobre El Deporte”. Esta Jornada praticamente consolidou o compromisso da América Latina com o Movimento Esporte para Todos (TUBINO, 2007).

Os intelectuais, ao se envolverem com o esporte, fizeram nascer de modo indireto a sociologia do esporte. Nasce o pensamento ligado às questões esportivas e surge o primeiro estudo crítico dos princípios do esporte e da atividade física, que se referem aos primeiros estudos do fenômeno esportivo. Remetemos o leitor uma vasta literatura que compreende, entre outros: Brohn (1978), Hargreaves (1982); Kunz (2000) E Bracht (1997).

Tubino (2000), quando analisa os impactos do fenômeno do esporte na sociedade contemporânea, descreve que no cenário atual do esporte percebe-se a existência de instituições esportivas que são clubes e outras empresas. Num outro contexto observa que existem esportes na água, na neve, no ar, em instalações esportivas específicas construídas, como as outras modalidades. O que mais marca o esporte contemporâneo é a sua abrangência social e sua dinâmica de desenvolvimento, que ocorre quando o fenômeno sócio-cultural ultrapassa o esporte de rendimento. Uma das características fundamentais desse esporte moderno, surgido na Inglaterra, foi a perspectiva única do rendimento e não o de socializar crianças, adultos jovens e adultos idosos.

O movimento “Esporte para Todos” cresceu em todo o mundo, democratizando as práticas esportivas e ao mesmo tempo, mostrando que

seria possível ocorrer competições com o sentido de reforçar a convivência humana.

Na nova forma do esporte, alguns problemas vão sendo enfrentados, e pouco a pouco, substituídos por questões que já existiam, mas que agora crescem devido às novas circunstâncias. São os casos específicos da violência, da corrupção, da droga, do papel do estado, diante do direito à prática esportiva, do bem-estar social e da qualidade de vida nas suas relações com o esporte.

Um dos maiores impactos do esporte na atualidade é, sem dúvida, a sua relação com outros campos de conhecimento e de atuação. O esporte atual tem relações profundas e efetivas com a educação, a saúde, a educação física, a cultura, o turismo e muitas outras áreas.

No esporte moderno, como visto, assume relevância os valores da alta performance, os regulamentos institucionalizados, a burocratização e a competição (GAYA; TORRES, 2004).

Mas alguns valores da modernidade são colocados em cheque numa sociedade que se anuncia como pós-industrial ou pós-moderna, em que convivemos com a pluralidade de motivos, de sentidos, de finalidade, de concepções de existência (LIPOVETSKY, 2005), o esporte da mesma forma assume uma nova configuração.

Se antes o esporte era uma atividade quase exclusivamente orientada e estruturada para o alto rendimento e a competição organizada, para a afirmação dos estereótipos da juventude forte e saudável, da virilidade e masculinidade, o esporte passou progressivamente a ser uma prática aberta a todas as pessoas e idades e a todos os estados de condição física e sócio-cultural. Expandiu-se e conquistou novas terras, ou seja, à vocação original da excelência e do alto rendimento adicionou a instrumentalização ao serviço das mais distintas finalidades: saúde, recreação e lazer, aptidão, estética, reabilitação e inclusão (BENTO, 2007, p.21).

Por exemplo, Lazarotti Filho (2007, p.133), quando se refere à formação para a ação direcionada às minorias sociais do Brasil, possibilitando-lhes o acesso às práticas do esporte e do lazer, chegou à conclusão de que não existem receitas prontas para o planejamento e a organização da ação. O que deve ser garantido são os princípios dos programas que podem ser adaptados e reorganizados, bem como podem ser também criadas outras estratégias metodológicas para o trato pedagógico com o esporte e o lazer.

1.2 Educação e Cidadania

Com a “civildade”, as relações sociais passaram a ser reguladas não mais pelos impulsos individuais dos sujeitos em defesa de sua vida e de seus interesses, com uma liberdade sem limites, mas por complexos mecanismos políticos criados pela humanidade “por consentimento na comunidade” (CARVALHO et al, 1992, p. 225). Assim a sociedade política – ou o estado é concebida como um conjunto de instrumentos de regulação social que promove a passagem do estado de natureza a um novo padrão de relações sociais, no qual são garantidas a paz, a liberdade, a segurança e a propriedade, tidas pelos pensadores modernos como fundamentais à convivência civilizada.

À criança deveria ser oferecida a oportunidade de formar-se intelectual e fisicamente, bem como oferecida é a oportunidade de acesso ao treinamento tecnológico, entendido como compreensão dos fundamentos científicos da produção e seu uso prático (NOGUEIRA, 1990, p.152 a 176), pois isso poderá elevar “a classe operária acima das classes superiores e médias” (MANACORDIA, 1996, p.297).

As preocupações de regulação e de controle social, que têm por objeto a socialização dos futuros trabalhadores, têm os objetivos de: a estimulação, motivação e disponibilidade para o emprego; a constituição e reforço de uma ética e identidade capazes de resistir a uma “vida ativa” estruturada em torno da precariedade, ou total ausência de vínculos ao trabalho; a legitimação e a

despolitização do desemprego com base nas deficiências individuais; a estratificação da força de trabalho através da aquisição de distintas qualificações (ANTUNES, 1996, p. 112).

A revolução francesa, enquanto revolucionária, propôs e apregoou o acesso universal ao ensino, porém a sociedade burguesa, sedimentada com essa revolução, não só não cumpriu esse ditame revolucionário como criou subterfúgios que impediram que os cidadãos tivessem acesso a esse benefício. Foram muitos os mecanismos pelos quais os poderes constituídos, representando os interesses da sociedade burguesa, subtraíram as camadas populares do acesso à educação escolarizada (LUCKESI, 1988, p. 3).

Com relação às desigualdades no âmbito educacional, pode-se afirmar que a repetência e o abandono de crianças e jovens da escola “é o produto do funcionamento do aparelho escolar” mediado pelas desigualdades econômicas e sociais, bem como por fatores culturais e políticos (ADORNO, 1994).

É ponto pacífico que as vivências esportivas trazem em si importantes dimensões educativas, conformadas pelas lutas políticas e pelos projetos da sociedade em disputa. Mesmo um projeto educativo que contemple a relação esporte/educação unicamente do ponto de vista lógico das práticas do lazer, não deixa de ser educativo, ainda que se considere sob o ponto de vista de perpetuação e naturalização das relações sociais capitalistas. Não por acaso, Antônio Gramsci (2001) lembra-nos que toda relação de hegemonia é uma relação pedagógica, a partir do consenso ativo e/ou passivo obtido do conjunto da população pela atuação dos aparelhos privados de hegemonia, sendo os principais, em nosso tempo, a escola e as mídias. Por isso as vivências culturais de lazer obtêm uma posição de destaque, tanto na conservação como na possível introdução de novas relações sociais, na disputa da hegemonia, podendo influir na dinâmica de organização de sociedade.

[...] em toda sociedade no seu conjunto e em todo o indivíduo com relação aos outros indivíduos entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos de exército. Toda relação de hegemonia é necessariamente pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação entre as diversas forças que a compõem, mas em todo o campo

internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais (GRAMSCI, 2001, v.1, p.399).

Com o avanço da pobreza e maior visibilidade da violência urbana, credita-se ao esporte o papel de redentor da juventude pobre visto que poderia controlar os impulsos violentos e promover uma sociedade mais civilizada.

Apartada do contexto global da realização das sociedades contemporâneas muitos dos “problemas” que são atribuídos aos jovens são na verdade, elementos sociais e ideológicos que atravessam a totalidade das estruturas e relacionamentos sociais (CARRANO, 2003, p.131).

Faz-se necessário destacar alguns comentários sobre a responsabilidade da sociedade pelos problemas que nos aflige com tamanha violência - principalmente os jovens - e, além de outros comentários de como o Esporte pode ajudar na formação integral educativa para a vida.

Vive-se hoje um mundo muito competitivo e para alcançarmos a cidadania plena, ou seja, cumprir com nossos direitos e deveres temos que ter uma formação educativa com uma base bem lúdica para que não possa haver frustrações quando, o adolescente está adquirindo sua formação de personalidade e mudanças para jovem, como por exemplo o interesse pelo sexo oposto, ou, o consumo da moda atual, requer uma certa orientação para que este jovem se eduque e procure o caminho da cidadania.

Pensando dessa forma vejo que o esporte educa com as regras, com trabalho em equipe e socializa em um ambiente democrático pelo convívio de alegria e de volatilidade. E neste contexto o jovem em situação de risco deve ter a mesma oportunidade de educação integral, assim como todos os outros jovens que têm oportunidades e que são ditos como jovens integrados na sociedade.

Ainda é necessário discorrer sobre a capacidade da educação resolver os problemas contemporâneos.

No meu ponto de vista, a educação escolar formal, informal e não formal ajuda a desenvolver as capacidades necessárias para a classe menos favorecida, principalmente, oferecendo novas oportunidades de conviver com

jovens que têm as mesmas oportunidades, com uma diversificação de problemas sociais e familiares.

E para finalizar este item, comentarei um pouco sobre a educação esportiva e a educação física, que, atualmente, estudiosos em educação advogam que o esporte vem sendo o segmento mais procurado nos projetos sociais, alguns colocam sua opinião como um grande atrativo.

A educação esportiva é a mais persuasiva, pois o jovem se educa sem ter aquela obrigatoriedade formal, mas que, ao mesmo tempo, exige comportamento social, aprendizagem motora, desenvolvimento das capacidades sociais, educativas, cognitivas e afetivas.

Já a educação física vem sendo usada para a aprendizagem dos fundamentos básicos de desenvolvimento do esporte e convidando os jovens a tentarem uma vida melhor com o convívio social em um ambiente de educação formal, mas com aprendizagem técnica para o desenvolvimento natural e integral do jovem.

1.3 Educação e Esportes

Muitos pedagogos da Educação Física e dos esportes têm realçado a contribuição da atividade esportiva na educação e na socialização das crianças e jovens. As muitas considerações feitas indicam que a criança, por meio do esporte, aprende que entre ela e o mundo existem os “outros”, que para a convivência social precisamos obedecer determinadas regras, ter determinado comportamento (OBERTEUFER; ULRICH, 1977 apud BRACHT, 1997, p.58). Aprendem as crianças, também, a conviver com vitórias e derrotas, aprendem a vencer por meio do esforço, desenvolvem pelo esporte a independência e a confiança em si. O esporte pode ser promotor da interação social, como agente do processo educacional, como mecanismo auxiliar à política de saúde e como veículo de promoção do lazer. É um instrumento que permite aos indivíduos de

todas as classes sociais, raças e credos, experimentar a igualdade e justiça social.

As atividades no esporte, mais que preencher o tempo ocioso, desempenham, um papel importante na vida das pessoas, são fundamentais para a sociabilidade e as relações humanas, assim como desenvolvem as dimensões da motricidade humana (TUBINO, 2001, p.10).

Conforme Libâneo (1994, p.16),

[...] cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos e auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. “Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade”. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade.

A prática educativa, portanto, é parte integrante das relações sociais, das formas da organização social. Suas finalidades e processos são determinados pelos interesses diversos das classes sociais. No trabalho docente, sendo manifestação da prática educativa, estão presentes interesses de toda ordem – sociais, políticos, econômicos, culturais – que precisam ser compreendidos pelos professores. Por outro lado, é preciso compreender também que as relações sociais existentes na nossa sociedade não são estáticas, não são estabelecidas para sempre. Elas são dinâmicas, uma vez que são transformadas pelos próprios indivíduos e classes que a integram.

O esporte educacional tem como finalidade o desenvolvimento de valores sociais, a melhoria das capacidades físicas e habilidades motoras, a melhoria da qualidade de vida, diminuição dos riscos sociais (drogas, prostituição, gravidez precoce, criminalidade e trabalho infantil) e a conscientização da prática esportiva assegurando o exercício da cidadania.

Portanto, não se trata de justificar o esporte com argumentos similares, torna-se necessário definir quais os sentidos e as formas do esporte que são relevantes para a educação.

É que por mais aberta que seja a concepção de esporte perfilhada não podemos dar como adquirido que o esporte é por definição pedagógica, uma realidade educativa (GRAÇA, 2004, p.101).

Nos últimos anos houve um intenso debate a respeito das questões relativas à identidade da teoria social. Este debate está associado a um profundo processo de transformação na sociedade que está tirando o indivíduo do sistema. Essas mudanças vem sendo expostas nos meios de comunicação de massa, que facilitam tanto por meio das mídias como: televisão, rádio, cinema, e computadores, como pelas escritas: jornais e revistas, uma exposição de modos e comportamentos permanentes que permite perceber quem somos, as contradições e desigualdades sociais em que vivemos e, também, como se constrói a diferença social.

No Brasil, desde o final dos anos 1940 o esporte consolidou-se com prática hegemônica da educação física. O desenvolvimento industrial e o conseqüente processo de urbanização das cidades; a ampliação do acesso aos meios de comunicação de massa e a absorção de outras manifestações corporais a seus códigos e sentido têm contribuído sistematicamente para a subordinação direta da educação física à instituição esportiva (BRACHT, 1992).

Estabeleceu-se então, um espaço próprio para favorecer a especialização dos alunos: o treinamento esportivo. Prática que a sociedade, sob um discurso democrático de participação coletiva, confunde-se com a função social do currículo. O esporte é, sem dúvida, um dos fenômenos socioculturais mais relevantes de nosso tempo, relacionando com várias áreas sociais além da educação, como: a saúde, a política, a economia, a mídia, entre outras tantas. Nos últimos tempos tornou-se uma atração crescente para muitas pessoas. Não para de aumentar o número de seus adeptos, bem como não encontra comparação com qualquer outra atividade social, exceção ao trabalho (BENTO; GARCIA; GRAÇA, 1999). A prática esportiva tornou-se um estilo de vida, permeia o imaginário social sob a forma de mitos e heróis, construindo comportamentos e modos de identificação (RÚBIO, 2001). Como fenômeno social, o esporte, pelo seu envolvimento coletivo e participação

individual, é visto por muitos filósofos, sociólogos e pedagogos como elemento fundamental para a formação da cidadania.

Apesar da prática dos professores-técnicos apontar para a busca do rendimento e dos resultados, seus discursos reforçam as questões sociais que o esporte pode proporcionar. Afirmam o caráter pedagógico do esporte como única possibilidade de promover a sociabilização, o respeito às diferenças, às normas e às regras, justificando assim, sua importância na educação integral do aluno (DAÓLIO, 1995).

Ao longo de minha experiência profissional, comecei a notar significativas colocações e modos de comportamento a respeito das vivências esportivas, das pessoas envolvidas, tanto nas aulas como em outros espaços que lhe estão associados.

1.4 A Política do Esporte Escolar no Brasil

É necessário lembrar o Estatuto da Cidade, na Lei n.10257/01 que dispõe sobre o esporte e lazer. Esta lei tem três tópicos a ressaltar sobre suas finalidades: 1 - Instrumentalizar o município para garantir o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade; 2 - Estabelecer a gestão democrática, garantindo a participação da população em todas as decisões de interesse público; 3 - Garantir que todos os cidadãos tenham acesso aos serviços, aos equipamentos urbanos e a toda e qualquer melhoria realizada pelo poder público (BRASIL, 2001).

São duas as ideias que orientaram a intervenção do Estado no setor esportivo, nas quatro ou cinco últimas décadas do século XX:

- a) O esporte como instrumento de ação política no plano internacional (o desejo por medalhas);

- b) A ideia de que a prática de esportes em massa é promotora da saúde e de uma melhor qualidade de vida da população, compensando os problemas que traz a vida urbana.

Com base na segunda ideia que o enfoque da prática esportiva vai ser considerado um direito do cidadão e dever do Estado. É assim que ele começa a aparecer nas constituições e cartas magnas.

No caso brasileiro, as relações entre o Estado e o Sistema Esportivo se caracterizaram por seu aspecto autoritário. O modelo da institucionalização esportiva perdurou por 50 anos, resistindo às diferentes variações decorridas no período democrático, na ditadura militar, e além de fazer parte da nova república (LINHALES, 1997, p.220). Este modelo é assim descrito:

[...] o setor esportivo burocratizou-se e nos planos, de diretrizes e projetos que compunham o planejamento centralizado do Estado, o esporte aparece como um direito social, a partir de uma perspectiva liberal-funcionalista: deveria ser oferecido a todos, como um bem moderno e capaz de funcionar como elemento de compensação e de equilíbrio dos efeitos negativos do mundo industrializado e urbano. Tal discurso, que apontava pela primeira vez para a ampliação do acesso ao esporte, veio, entretanto, acompanhar por outro objetivo central no período³; o incremento do esporte de alto rendimento (LINHALES, 1997, p. 221).

A recente história da educação física brasileira, a partir da década de 1970, mostra que as políticas públicas, principalmente a federal, encaminharam uma incorporação do esporte escolar ao sistema esportivo nacional. A instituição esportiva com o discurso da saúde e da educação deixa desses argumentos para conseguir apoio e financiamento público e buscar legitimidade social.

Segundo Castellani Filho, (1985, p. 10) a política do esporte escolar, desde sua origem, possui...

[...] a intenção velada de atender aos interesses do desporto de alto nível do que propriamente se inserir no processo de garantir ao meio escolar um instrumento de socialização [...]
 [...] desde o Estado Novo, o esporte escolar e comunitário justificam-se, na estrutura do sistema esportivo brasileiro, como fomentadores

³Refere-se ao período da ditadura pós -1964

do esporte de alto rendimento. Desta forma, alocar recursos para o esporte educação e esporte participação - como determina a Constituição Brasileira - significa, em última instância, destinar recursos públicos para o esporte performance (2001, p. 558).

As políticas públicas e a legislação esportiva, a partir da década de 1970, expressam, em nosso entendimento, a tensão entre o papel da educação física – e o esporte escolar a ela vinculado – e os interesses do sistema esportivo. Em linhas gerais é possível dizer, no entanto, que o sistema esportivo foi atendido pelo Estado, fazendo do esporte escolar (da educação física) a base da pirâmide esportiva. Como modelo pode-se citar o caso do Programa de Esporte na Escola, criado no ano de 2001, em que as justificativas eram propagadas por seus idealizadores no intuito da sua implantação nas escolas brasileiras.

Após o “fracasso brasileiro” nas Olimpíadas de Sydney, no ano 2000, surgiram, em diversas instâncias da sociedade brasileira, numerosos questionamentos para saber dos motivos responsáveis por tão fraca participação. O governo brasileiro, com as reivindicações feitas, buscou solução e criou, no dia 21 de Junho de 2001, o Programa Esporte na Escola, cujo objetivo era o de devolver a educação física às escolas brasileiras e beneficiar 36 milhões de crianças em todo o país (ESPORTE NA ESCOLA, 2002, p.1), tudo isso para tentar revalorizar as práticas esportivas no interior da escola, constituindo-se numa contribuição para o futuro do esporte no país.

A elaboração do programa ficou sobre a responsabilidade do Ministério do Esporte e Turismo (MET) que, com o endosso do Ministério da Educação e Cultura (MEC), pretendia atender àquela soma de crianças proporcionando

[...] a melhoria da qualidade de vida e do estado de saúde da população brasileira, além de ter um importante papel de coadjuvante no combate às drogas, à violência, na formação social, no aprimoramento da personalidade da criança, entre outros benefícios sociais, e como consequência a revelação de novos talentos esportivos (ESPORTE NA ESCOLA, 2002, p.3).

De acordo com Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro⁴ (COB), “[...] o Esporte na Escola é a iniciativa mais importante da história do

⁴ Comitê este parceiro do programa esporte na escola

Brasil [...]” (ESPORTE NA ESCOLA, 2002, p. 20), oferecendo a possibilidade para a criança poder se tornar um (a) grande atleta no futuro próximo.

Para Oliveira (2001, p. 141),

[...] a mídia, intelectuais e [parte dos] professores da área, órgãos de representação e até mesmo o próprio MEC reivindicam uma maior e melhor organização da educação física escolar – leia-se esporte – a fim de dotarmos o esporte brasileiro de uma ‘base’ dupla e segura de formação e desenvolvimento de atletas olímpicos [...]

De acordo com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – lei nº. 9.394/96 – fica garantida a inclusão da educação física como componente curricular da educação básica. Todavia são notórias as dificuldades enfrentadas pela disciplina para permanecer na dinâmica curricular das instituições de ensino.

Segundo Oliveira (2001, p. 141), parece que, 30 anos depois continuamos a negar o olhar para a realidade socioeconômica do Brasil e a justificar ideológica e corporativamente os benefícios do esporte para a população.

Portanto, as políticas públicas, quando começaram a tratar do esporte na escola, deveriam considerar que, em termos sociológicos, estamos referindo às instituições simbolicamente muito distintas (esporte e escola). Portanto, sem negar o potencial educativo do esporte, é preciso que passe por um trato pedagógico para que se torne um saber característico da escola e que se faça educativo na perspectiva de um determinado projeto de educação (BRACHT, 2003).

Promover a alfabetização esportiva vai muito além da aprendizagem de habilidades; o exercício da plena cidadania no plano do esporte exige o desenvolvimento de competências que vão além dessas habilidades e que desenvolva também a capacidade social nessa prática humana, de perceber e analisar os valores que a orientam, os benefícios e os prejuízos de uma ou outra forma da prática esportiva (BRACHT, 2003).

Portanto o esporte escolar só faz sentido se for pedagogizado, ou seja, submetido aos códigos da escola. Isso significa que não basta, para a realização da função da escola, que o esporte seja, aprendido e praticado nos seus espaços, é preciso também que o esporte escolar dê instrumentos ao aluno para compreender o fenômeno esportivo como um todo em sua tão sofrida situação. Há que se corrigir, então, a idéia da escola como lugar de produção de cultura. Cabe-nos, dessa forma, ao tratar do esporte:

“[...] produzir outras possibilidades de se apropriar dele – é um processo de escolarização do esporte – e, com isso, influenciar a sociedade para conhecer e usufruir de outras possibilidades de apropriar do esporte. Buscar uma tensão entre o espaço social da escola e o espaço social mais amplo” (BRACHT, 2000, p.21).

1.5 Educação pelo Esporte

Inicialmente é necessária uma reflexão como educadores, tanto pais como professores ou professores de educação física. Para educar nossas crianças temos algumas frases que são comuns, como por exemplo: “sente-se direito”; “feche as pernas” – se for menina; “ não chore” – se for menino; “ comporte-se “ ; “tenha modos”; “fique quieto “; “endireite as costas”; “não se suje”; “tire as mãos daí” ... e quantas mais! A criança se vê estimulada a fazer nada mais do que parar, em outras palavras, educando-se para o não movimento. Em situação semelhante nenhum adulto seria capaz de mostrar a indiferença que manifestam certas crianças – tornam-se tímidas; cheias de apreensões, temendo a autoridade, substituem seu comportamento ousado, pela obediência e pela dependência.

Essa direção do comportamento infantil é dada por um tipo de educação, é fruto de ideais imaginários que alguns educadores exercem sobre as crianças. Poderíamos ressaltar o quanto é comum este tipo de ação por parte dos profissionais da área de educação física (EF), que trabalham diretamente com a educação, com o corpo e com o movimento. Ao mesmo tempo em que

educa a criança pelo corpo, pelo movimento, o professor de Educação Física (EF) é orientado por objetivos educacionais – e a escola é boa nisso – que podem, de certo modo cercar o movimento, inibindo, pelo corpo, em prol da formação de alunos “educados”, para não dizermos adestrados. A grande maioria das intervenções educativas, tais como, exigir silêncio, que preste atenção e manter-se sentado é desnecessária provocando na criança uma sensação de que está sendo tratada injustamente.

Numa visão de que as crianças são difíceis de aprender, o educador é severo, autoritário e justifica a utilização de seus métodos de educação que se vale de uma ordem exteriormente imposta, quando deveriam na verdade contribuir para que a criança desenvolvesse suas necessidades naturais. Neste caso a frustração não se efetua gradualmente, mas excessivamente no início de cada fase, repercutindo numa formação de um caráter inibido. Ponderando estas possibilidades somos capazes de demonstrar uma solução ideal ao menos pela teoria: “uma educação que permita alcançar primeiro certo grau de desenvolvimento, para depois – sempre num ambiente de boas relações com a criança – introduzir bem devagar as frustrações”. Estas frustrações são necessárias, porém, devem ser mostradas aos poucos, de maneira que tenham espaço na formação do caráter infantil. Portanto, tanto a frustração quanto a satisfação devem ser parciais (BRANDÃO, 1981 p.17).

E quantos não são os erros educativos que cometemos! Quantas não são as frustrações impostas na educação do corpo! Mas como eliminá-las de nossa prática educativa? Então, em caráter de urgência, refletimos sobre a atividade educativa e sobre as responsabilidades que recaem sobre os nossos ombros. Embora muitos de nós não a percebamos, por outro lado, a temos como um inestimado fardo. Quando os pais e educadores souberem por que e para que na realidade educam, quando a sociedade compreender que a relação entre a criança e adultos representa uma relação, por vezes de oposição entre mundos distintos, talvez então exista uma possibilidade de pensar em medidas positivas de educação.

Nesse tipo de educação temos um profissional que pelo esporte tem uma via privilegiada de educação integral de crianças e jovens, pela sua

capacidade de atuar de forma transformadora e abrangente em todas as dimensões humanas: a motora, a cognitiva, a social e a afetiva. O profissional de educação física ou de esportes que cuida não só do que ensina, mas também de como ensina, busca criar, com seus educandos, uma relação rica e transformadora.

Cabe ao educador fazer com que a educação pelo esporte aconteça na prática, não como a pura repetição de uma receita que dá certo, mas como um campo enorme de novas experimentações e descobertas criadas a partir da incorporação ao processo educativo de suas qualidades como educador e como pessoa (HASSENPFUG, 2004).

O esporte vem se provando dentro dos princípios aplicados pela educação, pelo esporte, uma via poderosa e privilegiada para desenvolver o potencial de crianças e jovens. Tem, em si a capacidade de educar para promover o desenvolvimento de competências pessoais (como a auto estima, o auto conhecimento, o auto cuidado), sociais (espírito de equipe, a cooperação, a solidariedade), cognitivas (a resolução de problemas, o ditadismo e o auto ditadismo) e produtivas (criatividade e volatilidade). Ou seja, de promover o desenvolvimento humano. É um esporte que não está focado – até pelos objetivos que carrega em si – no desenvolvimento das habilidades específicas, como uma bela cesta de basquete ou um drible desconcertante. É um esporte que precisa educar para a vida. Nesse modo de encarar e trabalhar o esporte com nossas crianças e nossos jovens, o foco principal é o desenvolvimento de potenciais de todos aqueles que participam de algum projeto esportivo. Além disso, toda criança tem o direito de: praticar esporte; divertir-se e jogar; usufruir de um ambiente saudável; ser tratada com dignidade; ser rodeada e treinada por pessoas competentes; seguir treinamentos apropriados aos ritmos individuais; competir com crianças que possuem as mesmas possibilidades de sucesso; participar de competições apropriadas e praticar esporte com absoluta segurança.

Tudo isso está previsto na Constituição Brasileira, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Assim todas as crianças e adolescentes têm

o direito ao esporte a aos seus benefícios, tendo ou não “jeito para o esporte” ou “pinta de campeão”. Direito não se discute, se tem. Portanto, o princípio da inclusão de todos nas atividades esportivas é fundamental.

Na educação pelo esporte tem sido utilizado todo o potencial do esporte como (ganhar ou perder, medir competências, ver quem é o melhor) um método de educar, de desenvolver pessoas, desenvolvendo seus potenciais. Em outras palavras, a aplicação da tecnologia da educação para o desenvolvimento humano pelo esporte contribui para a viabilização de todas as dimensões da vida, tornando crianças e jovens capazes de compreender a sua realidade, de realizar os seus sonhos, de participar da sociedade como cidadãos e de contribuir com ideias e ações para a transformação da própria vida e as de suas comunidades. Ainda na educação pelo esporte são quatro os pilares que sustentam o ser humano, que são: o ser, o fazer, o conhecer e o conviver. Estes quatro pilares estão ligados diretamente com as competências humanas que são: conhecer - competências cognitivas; fazer - competências produtivas; conviver - competências relacionais (interpessoais); ser - competências pessoais.

É preciso que os educandos aprendam a aprender e dominem o processo de produção e gestão do conhecimento, adquirindo as ferramentas essenciais que lhes permitam conduzir a própria aprendizagem, transmitir os conhecimentos adquiridos e construir seu próprio conhecimento. Portanto, as instâncias educativas têm pela frente o desafio de pensar não só o que ensinar, mas como ensinar, de forma a construir um ambiente propício para despertar o desejo de aprender e estimular a aquisição de aprendizagens significativas que formem uma base sólida para a criação, recriação e expansão de conhecimentos (HASSENPFUG, 2004).

O esporte educacional pode ser reconhecido como as manifestações esportivas às quais se atribuem compromissos pedagógicos no âmbito da educação e formação de crianças e adolescentes. O esporte educacional implica na formação de valores, hábitos e atitudes.

Segundo Tani (2004), o esporte educacional pressupõe o esporte como um patrimônio cultural da humanidade e como tal constitui um acervo amplamente disseminado para que todos tenham acesso a ele, usufruam, transformem, transmitam e assim deem segmento ao seu contínuo processo de construção.

Tani (2004) tem insistido num esquema muito esclarecedor sobre os papéis do esporte de alto rendimento e o esporte educacional. Para o autor existem seis modos de comparação com o esporte de alto rendimento e o esporte educacional, demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1 – Comparação entre esporte de alto rendimento e esporte educacional

ESPORTE DE RENDIMENTO	ESPORTE EDUCACIONAL
O esporte de rendimento tem por objetivo o máximo desempenho	O esporte educacional objetiva o ótimo, respeitando as características física, psicológicas, sociais e culturais dos praticantes e as diferenças individuais quanto a expectativas, aspirações, preferências e valores.
O esporte de rendimento prioriza a competição entendida como um processo de identificar o vencedor, de verificar o alcance de normas e critérios de classificar e premiar segundo os resultados.	O esporte educacional visa à aprendizagem, ou seja, é um processo contínuo de auto aperfeiçoamento em que o resultado é uma consequência desse e não seu objetivo. A competição é um procedimento que possibilita a avaliação da capacidade, a afirmação das possibilidades, a superação de outros, de si próprio, e a busca de aperfeiçoamento.
O esporte de rendimento ocupa-se com o talento e o seu sucesso depende da eficácia na sua detecção.	No esporte educacional preocupa-se com a pessoa comum: os gordos e os magros, os baixos e os altos, os fortes e os fracos, os habilidosos e os desajeitados, os ditos normais e os ditos deficientes. O esporte educacional é inclusivo.
O esporte de rendimento orienta-se para a especialidade, para uma modalidade específica.	O esporte educacional orienta-se para a generalidade, dando oportunidade de acesso a diferentes modalidades esportivas, ou seja, pretende explorar a cultura esportiva de forma

	mais ampla possível.
O esporte de rendimento enfatiza o produto em forma de desempenho, recordes e índices, muitas vezes impostos externamente aos praticantes.	No esporte educacional o processo que cada pessoa experimenta em relação ao seu estado anterior.
O esporte de rendimento resulta em constante inovação técnica e tecnológica,	Enquanto o esporte educacional resulta na difusão e disseminação do esporte como patrimônio cultural

A principal incumbência pedagógica que o esporte educacional dispõe para contribuir com a formação da pessoa e para a melhoria da sociedade é a formação de um cidadão esportivamente culto. Um cidadão com competência para usufruir as diversas manifestações da cultura esportiva. Sujeito autônomo em sua prática esportiva de lazer, de saúde, de reabilitação, homens e mulheres em condições de ocuparem seus tempos de lazer com práticas esportivas de qualidade.

Hoje a aptidão física tão desprestigiada como conteúdo da educação física escolar, deixa reflexos evidentes nos padrões de saúde de nossa população de crianças e adolescentes. O sedentarismo, a obesidade, e diagnósticos precoces de diabetes, hipertensão arterial, colesterolemia, problemas posturais, queixa de dores nas costas... clamam por uma intervenção pedagógica no ambiente do esporte educacional.

2. EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, ESPORTES E JUVENTUDE

Este capítulo tem o objetivo de conhecer e avaliar diversas propostas e ações educacionais de cunho não formal, com crianças e adolescentes em situação de risco, buscando assim construir parâmetros para a análise do Projeto Basquetebol, o principal tema desta dissertação.

Neste capítulo serão, apresentados alguns projetos sócio educativos, de caráter educacional não formal, fora do ambiente escolar, que com outros segmentos da educação como esportes, artes, danças etc., abraçam a causa dos jovens excluídos da nossa sociedade. Os princípios e fundamentos educacionais da educação não formal são bem apropriados para a busca de propostas curriculares alternativas para as classes populares.

2.1. Educação Não Formal e Projetos Sociais

Para a compreensão sobre a educação não formal e projetos sociais, será preciso primeiro estabelecer algumas definições relacionadas aos tipos de instituições que realizam este tipo de educação. Em seguida, serão discutidas algumas das definições dadas a Terceiro Setor e educação não formal.

A OCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) é uma qualificação decorrente da Lei 9.790 de 23 de março de 1999. Esta lei também conhecida como lei do Terceiro Setor, é um marco na organização desse setor. Foi promulgada a partir de discussões promovidas entre Governo e lideranças de ONGs. Esta lei é o reconhecimento legal e oficial das ONGs, principalmente pela transparência administrativa que a legislação exige.

Segundo essa Lei, as OCIPs, são entidades privadas atuando em áreas típicas do setor público, e o interesse social que despertam merece ser,

eventualmente, financiado pelo Estado ou pela iniciativa privada, para que suportem iniciativas sem retorno econômico.

ONG- Organização Não governamental:

Normalmente, as ONGs exercem alguma função pública, isto é, embora não pertençam ao Estado, ofertam serviços sociais, geralmente de caráter assistencial, que atendem a um conjunto da sociedade maior que apenas os fundadores e/ou administradores da organização. É importante mencionar também, que nem todas as ONGs têm uma função pública direcionada à promoção de bem-estar social (educacionais, de tratamento médico, de caridade aos pobres, científicas e culturais).

As ONGs são em geral associações civis sem fins lucrativos, de direito privado, de interesse público.

As ONGs são um fenômeno mundial, em que, presumidamente, a sociedade civil se organiza espontaneamente para a execução de certo tipo de atividade cujo cunho, caráter, é de interesse público (internet).

Pode-se dizer que há um entendimento social de que ONGs são entidades às quais as pessoas se vinculam por identificação pessoal com a causa que elas promovem.

Segundo definições comumente aceitas, o primeiro setor é o governo, que é responsável pelas questões sociais, o segundo setor é o privado, responsável pelas questões individuais. Com a “falência” do Estado, o setor privado começou a ajudar nas questões sociais, através das inúmeras instituições que passariam a compor um “novo” setor, o chamado Terceiro Setor.

A educação não existe somente na escola, mas sim em todos os segmentos da vida para estruturar e conduzir o desenvolvimento humano. Segundo Brandão (1995), a vida está sempre ligada à educação, não havendo uma forma única, nem um modelo de educação.

Trilla (1993) argumenta que a educação é uma realidade complexa, heterogênea e versátil. Quando se fala em educação não podemos reduzi-la a educação escolar, pois não é a única realidade.

A origem da Educação não formal em nosso país apresenta uma trajetória bastante relacionada com a educação popular e com as discussões quanto ao papel do Estado e sua ausência no cumprimento das obrigações básicas na garantia dos direitos dos cidadãos.

Segundo Trilla (1993) a educação formal e a não formal contam com objetivos explícitos de aprendizagem ou formação e apresentam-se, sempre, como processos educativos diferenciados e específicos. A distinção entre o formal e o não formal nem sempre é tão simples. O formal é definido em cada país e em cada momento de acordo com as leis e outras disposições administrativas; o não formal é o que fica à margem do organograma do sistema educativo graduado e hierarquizado. Portanto, os conceitos de educação formal e não formal apresentam uma clara relatividade histórica e política, de modo que a educação pode ser formal em um país e não formal em outro (CARO; GUZZO, 2004 pg.34).

Para Trilla (1993) a educação não formal é:

O conjunto de processos, meios e instituições específicas e diferenciadamente, desenhadas em função de explícitos objetivos de formação ou de instrução, que não estão diretamente dirigidos à provisão dos graus próprios do sistema educativo regular (p. 57).

Nesta citação de Almerindo Janela Alfonso, pode-se observar a definição da ocorrência da educação não formal como fora do âmbito escolar:

Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas, enquanto que a designação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não formal obedece também à estrutura e uma organização (distintas das escolas) que possa levar a uma certificação (mesmo que não seja esta a finalização) divergente ainda da educação formal no que diz respeito à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação de conteúdos de aprendizagem a cada grupo completo (apud SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001, p. 9).

Nestas concepções educacionais, também se discute a ocorrência da Educação em contextos diversificados e se procura romper com metodologias educacionais tradicionais e currículos que não respeitem os saberes, valores e modos de viver das classes populares.

Cabe destacar algumas obras de estudiosos em educação não formal ou áreas relacionadas com ela, como: FREIRE (1986), Campos (1989), Vasconcelos (2001), Betto (2007), Gadotti (2005).

Nas palavras de Betto (2007) é possível evidenciar sua posição sobre a Educação Popular na escola formal.

Não é possível adotar, na escola formal, a metodologia da Educação não formal. A institucionalização da escola brasileira é muito forte: começa no currículo que não é definido pela própria escola. É possível criar uma escola como as escolas de formação de lideranças populares. Mas nunca será uma escola formal - tal escola não dá diploma de ensino fundamental (BETTO, 2007, p.12).

Na concepção de Gadotti (2005), a Educação Popular nas últimas décadas apresentou novos projetos aos quais estão incluídos os projetos de Educação não formal:

Com as conquistas democráticas, ocorreu com a educação popular uma grande fragmentação em dois sentidos: de um lado ela ganhou uma nova vitalidade no interior do Estado, diluindo-se em políticas públicas; de outro lado continuou como educação não formal dispersando-se em milhares de pequenas experiências, perdeu-se em unidade, ganhou em diversidade e conseguiu ultrapassar numerosas fronteiras (GADOTTI, 2007, p. 6).

Esta concepção dos projetos de educação não formal como propostas curriculares alternativas à educação formal, bem como fundamentando projetos emancipadores, é expressa nas publicações sobre educação não formal (GOHN, 1999; SIMSON, 2001).

Gohn (1999) descreve que é preciso unir os conteúdos da educação formal com os da educação não formal para auxiliar no sucesso dos alunos, pois a educação formal, em muitos casos, tem promovido mecanismos de exclusão social e pouco acesso à cidadania.

A educação não formal visa contribuir para a formação integral do indivíduo envolvendo o crescimento pessoal à consciência da cidadania e a possibilidade de sua inclusão na sociedade.

O bem estar que as atividades da educação não formal proporcionam aos seus educandos tem como objetivo chegar a toda sua família, além de contribuir para a formação do indivíduo e incluí-lo no mercado de trabalho.

Nestes projetos de educação não formal, é possível notar que muitos buscam construir ações humanitárias e romper com as desigualdades sociais, caracterizando-se como projetos de políticas públicas de inserção social.

São incontáveis os projetos sociais existentes hoje no Brasil, patrocinados por instituições governamentais, empresas privadas, organizações não governamentais (ONGs) ou organizações da sociedade civil (OSCIPs) visando atingir crianças e jovens, em especial aqueles das camadas mais pobres da população, algumas vezes classificados como “jovens em situação de risco social”. Contando sempre com inúmeras parcerias, estes projetos espalham-se pelo território nacional, multiplicando-se com as ONGs, principalmente a partir da década de 1990 (LANDIM, 2002).

A educação física é um dos elos fundamentais entre as ações citadas, envolvendo os projetos socio educacionais de ONGs e OSCIPs. A iniciação da prática esportiva e os diversos projetos ligados a ela parecem formar um caminho saudável para as crianças, adolescentes e jovens atendidos.

O esporte é uma das melhores ferramentas disponíveis para retirar as crianças das ruas, dos vícios, de tudo que lhes é nocivo, mostrando-lhes e dando-lhes uma formação educacional e uma atividade constante. Em muitos casos o fruto de todo esse esforço é a ascensão social do jovem, por meio da educação. Mesmo que ele não chegue a ser um atleta de alto rendimento, certamente terá melhores condições para vir a ser um cidadão. Todo esse movimento é, sem dúvida, altamente benéfico, proporcionando um ciclo que leva ao desenvolvimento do país. Este é um ideal a ser perseguido.

2.2 – Crianças e Adolescentes em Situação de Risco

Alguns autores fazem distinção entre os conceitos de agressividade e violência, alguns afirmam que a agressividade básica está na raiz chamada instinto de sobrevivência, que demove o animal a buscar alimento, água, segurança. Tal agressividade é algo resultante da memória biológica, de instintos propriamente animais. Já o conceito de violência implica intencionalidade, o que exige inteligência: razão pela qual os irracionais não são violentos, mas ferozes. Violência é, portanto, coisa de seres humanos (SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001).

Consideramos que colocar crianças e adolescentes em situação de risco, tanto quanto permitir que eles continuem nesta situação, seja uma terrível violência praticada ou permitida por nós, seres humanos, em nossas sociedades. Mas, muitas vezes, tal violência é ocultada enquanto tal, parecendo às vezes culpa dos que estão em risco, ou algo “natural”.

Chauí (1999) identifica vários dispositivos mediante os quais se oculta a violência real:

[...] um dispositivo jurídico que localiza a violência apenas no crime contra a propriedade e contra a vida; - um dispositivo sociológico que considera a violência uma ausência de leis, de normas ou de regras de organização social; - um dispositivo de exclusão que distingue um “nós brasileiros não violentos” de um “eles violentos”; - um dispositivo de distinção entre o essencial e o acidental como se a violência fosse apenas um “acidente”, uma “onde”, um “surto”, e a sociedade em si não fosse violenta.

[...] as desigualdades econômicas sociais e culturais, as exclusões econômicas, políticas e sociais, o autoritarismo que regula todas as relações sociais, a corrupção como forma de funcionamento das instituições, o racismo, o sexismo, as intolerâncias religiosas, sexuais e políticas não são consideradas formas de violência, isto é, a sociedade brasileira não é percebida como estruturalmente violenta e por isso [a violência] aparece com um fato esporádico superável (CHAUÍ, 1999, p. 3).

Em relação a muitas de nossas crianças e jovens, as evidências são ainda mais trágicas: sem cuidados médicos, com acesso restrito à escolaridade, desamparados, sobrevivem em um mundo adulto, tantas vezes

perverso e sem o devido tempo de serem crianças. São desde muito cedo confrontadas com a realidade do trabalho (forçado) pela necessidade da sobrevivência. Mundo violento, sem afeto, crianças tantas vezes maltratadas, agredidas física, sexual, psicológica e moralmente. Crianças que denominamos em nosso meio acadêmico de crianças em situação de risco social e, que na verdade correm também o risco de permanecerem nestas estatísticas da exclusão, se não forem realizadas intervenções passíveis de mudar radicalmente esta realidade. Crianças em situação de risco social, na verdade, são crianças excluídas dos direitos humanos mais elementares.

Segundo Spozatti (2003), a exclusão social se caracteriza pelas diferenças nas relações societárias fundadas na desigualdade de oportunidades e na concentração da riqueza e do poder; que ao longo dos últimos anos, permanece deixando uma imensa parcela da população às margens da sociedade contemporânea (BULLA; MENDES; PRATES, 2004).

Adolescentes? Quantos jogados nas mãos dos traficantes de drogas? Jovens sem acesso à cultura, ao esporte, condenados ao trabalho. Desde cedo vivenciando a violência que os rodeia em seu cotidiano, sem perspectivas reais de sonhar com um mundo que lhes seja justo e solidário e, em tantos casos, tampouco esperançoso de uma vida longa.

Simson, Park e Fernandes (2001, p. 16), têm mostrado que nem mesmo o acesso à escola garante que a criança ou o jovem sairá da situação de risco:

[...] estudantes em situação de risco seriam aquelas crianças e adolescentes que, embora provenientes dos setores mais pobres da população, conseguiram estar freqüentando a escola pública, mas nela não estariam encontrando, nem discutidas, nem valorizadas, as raízes sócio culturais e a visão de mundo que a família ou o grupo de convivência lhes forneceu. Eles se encontrariam, então, prestes a abandonar um sistema escolar que os discrimina e oprime, para buscar no espaço da rua maiores chances de exercer o seu direito à liberdade e tentar obter alguma renda que pelo menos lhes permitiriam consumir aqueles bens que a mídia veicula e os grupos de idade valorizam e ainda poder levar alguma contribuição a um orçamento familiar que certamente é muito limitado.

Frente a estas situações que envergonham os cidadãos brasileiros solidários e comprometidos com os seres humanos, em distintos setores da sociedade, desenvolveram ações voltadas para a sociedade.

Muitos projetos sociais vêm sendo realizados no Brasil tendo como eixo principal o esporte. Como afirma Tubino (2005), com base no documento das Nações Unidas, o esporte oferece possibilidades que se consolidam em práticas como a comunicação, cooperação, respeito pelas regras, resolução de conflitos, entendimento (compreensão), ligação com outras pessoas, liderança, valor do esforço, respeito com o outro, como vencer, como perder, como administrar as competições, a auto estima, responsabilidade, honestidade, trabalho em equipe, disciplina e confiança.

Os projetos de esportes para crianças e adolescentes em situação de risco social são planejados com o intuito de que o esporte é educacional e pode ocupar o tempo fora da escola, visando dar continuidade no seu dia como produtivo.

Como tento ser formador, educador de seres humanos sociáveis, tenho a convicção de que todas as crianças, adolescentes e jovens devem ter a oportunidade de aprender algum esporte, como parte da formação integral, uma vez que tal aprendizado pode fazer com que a criança, adolescente ou jovem seja criativo, que tenha infinitas possibilidades de desenvolvimento da aprendizagem motora, disciplinado (o que não significa conformista), atencioso e sociável.

Esta atividade esportiva também oportuniza uma aprendizagem de vida aos alunos, que conhecem as suas limitações e possibilidades dentro do projeto, bem como a imprescindível necessidade do trabalho em equipe para alcançar os objetivos comuns do mundo de hoje. O trabalho em equipe ajuda a conviver, socializar, dar e receber atenção, desenvolver a sua parte afetiva pelo próximo, atender a todas as exigências da vida em sociedade.

As atividades do esporte têm caráter educacional, tendo como principal objetivo o desenvolvimento integral da criança e adolescente, de forma a favorecer a consciência de seu próprio corpo, explorar tais limites, aumentar as suas potencialidades, desenvolver seu espírito de solidariedade, de cooperação mútua e de respeito pelo coletivo.

No Brasil, os jovens representam um número alto, aproximadamente 34.081.330 de pessoas na faixa etária de 15 a 24 anos (IBGE, 2000).

As lacunas do ensino regular e profissional, associadas a tantas outras no plano dos direitos sociais e políticos, no âmbito Nacional, impulsionaram intervenções educativas não formais em diferentes espaços paralelos à escola (CASTRO; ABRAMOVAY, 1998; GONH, 1999).

Santomé (1995 p.8) apresenta as culturas infantis e juvenis como uma das culturas silenciadas. Ele discute o fato de que nosso adultocentrismo nos leva à ignorância sobre o mundo idiossincrático da infância e da juventude, assim como uma visão paradisíaca deste mundo, como se as crianças não enfrentassem problemas na realidade onde vivem.

Cabe ressaltar que o esporte em si não é bom e nem ruim, pois depende do uso que se faz dele. Dependendo da ênfase a ser dada, ele pode vir a ser um fim de si mesmo ou um meio educativo. Para esta perspectiva Korsakas (2000 p.42) diz que o educador deve oferecer aos alunos possibilidades para a construção de conhecimentos e atuar mais como um facilitador da situação. Portanto a possibilidade do esporte ser utilizado como meio de educação está relacionada às concepções que o educador utiliza em suas aulas, pois se o professor não trabalha o pedagógico do conteúdo específico este pode perder a sua contribuição civilizatória e/ou de humanização.

O valor educativo do esporte é atribuído à sua capacidade de promover o respeito às regras e aos adversários, a disciplina e a saúde (KORSAKAS, 2000).

O profissional preocupado com a aprendizagem dos alunos, visando o desenvolvimento integral do ser humano, deve-se fixar fundamentalmente no desenvolvimento de cada um deles, validando o esforço empreendido nas tentativas do aluno de realizar uma tarefa, não se reduzindo à validação do resultado final como única avaliação.

Segundo Marcelino (2000), o esporte e o lazer são utilizados como veículo de educação, visando a formação de pessoas críticas e transformadoras da realidade social. No contexto da inclusão, manifestações esportivas podem ser vivenciadas por crianças e adolescentes.

Na educação não formal ou nos projetos sociais, o professor abordaria os padrões pré-estabelecidos pelas regras de cada modalidade esportiva. Ainda em Marcellino (2000), a educação para o lazer objetiva a formação de cidadãos comprometidos com a conquista de um tempo livre para o lazer, a qualificação e a diversificação do lazer.

Os projetos sociais, sobretudo aqueles realizados em áreas de situação de risco de marginalização, devem estar comprometidos com a inclusão. Os projetos sociais devem proporcionar atividades educativas, nas áreas artística, cultural, escolar e esportiva. Devemos ressaltar que estes projetos não devam atingir apenas as crianças e adolescentes, mas também suas famílias.

O esporte, de forma geral, pode-se constituir, em importantes instrumentos para a permanência das crianças e adolescentes nos projetos sociais. Estas ações pedagógicas e sociais se tornam fundamentais, desde que não tragam o estereótipo do assistencialismo e sim da ludicidade educacional (MARCELLINO, 2000).

Para Moraes e Koller (2004), a prevenção destas crianças em situação de risco deve partir de uma perspectiva focada na construção de competências e não na correção de fraquezas e fragilidades. Ações educativas servem como ferramentas que transformam potenciais em competências para a vida e podem preparar pessoas “para viverem plenamente as suas possibilidades, além de fortalecer as sociedades para superar a pobreza e a exclusão social, em direção ao desenvolvimento humano pleno” (HASSENPFUG, 2004, p.43).

Devido à importância dos projetos sociais na vida dessas crianças, é igualmente relevante que estes projetos sejam avaliados adequadamente. Conforme Aguilar e Ander-Egg (1994), avaliação serve como um mecanismo

de regulação de ações e políticas sociais, permitindo uma diminuição das chances de fracasso de um programa de interesse social.

Nos projetos esportivos demonstra que esta intervenção educativa pode servir para as crianças e adolescentes como um ambiente promotor de saúde e das mais diversas habilidades. O esporte, principalmente a educação pelo esporte, pode agir transformando potenciais em competências para a vida daqueles que têm a oportunidade de passar pela experiência (HASSENPFLUG, 2004).

3. PROJETO BASQUETEBOL

Neste capítulo será descrito o histórico do Projeto Basquetebol, desenvolvido em Alfenas/MG, percorrendo suas distintas fases desde sua origem, em 1985. Em seguida, descrever como o Projeto está se realizando atualmente. Deste modo, buscará inicialmente responder à principal questão desta dissertação, a saber: em que medida o Projeto Basquetebol contribui para a socialização e a promoção da cidadania dos jovens participantes. Será escrito a partir das seguintes técnicas de coleta de dados: memorial e documentação pessoal do pesquisador; observação das atividades do projeto, registrada em diário de campo; entrevistas com alguns educandos atuais e que já participaram do projeto.

3.1 História

Havia em mim o desejo de dar oportunidades às crianças menos favorecidas e, dessa vontade surgiu a idéia de usar o basquetebol, para ensinar, educar e socializar. Foi solicitado o apoio da Prefeitura, mas, a ajuda foi negada por motivos políticos. Como sou muito conhecido na cidade como atleta de basquetebol, resolvi fazer o basquete com alguns meninos de alguns bairros periféricos e trabalhar para educá-los, sem imaginar que poderia ser um trabalho árduo e difícil, e sem saber que mais tarde seria a temática de um trabalho científico no campo da Educação.

3.1.1 O Começo

Em 1985, o desejo de trabalhar com crianças menos favorecidas foi concretizado, usando o basquetebol como forma de auto-ajuda e de dar

algumas noções de vida a essas crianças que queriam crescer e se desenvolver para a cidadania.

O trabalho teve início nas ruas, uma vez que não tínhamos uma quadra para ensinar o basquetebol. Então, ganhei algumas peças de madeira de fazer andaimes, lixei e pintei de branco, peguei um aro de bicicleta, lixei e pintei com um fundo que prepara portões e pronto, ficou sendo a nossa primeira tabela. Coloquei em uma rua no bairro do “Pinheirinho”, local onde existia o maior número de criminalidade infantil e comprei uma bola de basquete para dar início ao Projeto que tanto almejava.

Duas meninas e quatro meninos começaram a fazer o aprendizado do esporte que considero o mais educativo de todos. No começo alguns meninos diziam: *“este esporte era de “bicha”, tem que quebrar a munheca”* e reclamavam em fazer gestos difíceis para melhorar a coordenação motora e retirar vícios de movimento. Logo que alguns meninos começaram a aprender a dar alguns passos certos do esporte, porém, outros começaram a aderir e praticar o esporte que eu mais amo e que me deu oportunidade de conhecer outras coisas que o mundo oferece na competitividade do dia a dia.

No começo tudo era difícil, pois os meninos brigavam uns com os outros, batiam nas meninas e existia uma resistência por parte deles em aprender alguma coisa que até então era uma pessoa estranha que chegara a um bairro e tentava colocar algumas normas a serem seguidas. Todos os dias tinha um problema novo a ser resolvido com essas crianças. Um dia, quando cheguei para falar de regras que usaríamos no basquete e na vida, um menino me disse: *“- Professor, o senhor faz bobagem com seu filho?”* Eu respondi: *“- Claro que não”*. Ele afirmou: *“- Mas como o meu pai faz comigo?”*. Eu não sabia o que dizer, mas senti uma necessidade imensa de falar com este pai para dizer-lhe que seu filho era uma criança especial e que ele deveria parar de fazer isso, mas não foi possível por que o mesmo foi morto dias depois com dois tiros. Assim era a vida dentro do Projeto, cada dia uma novidade e de difícil aprendizado para mim e para as crianças.

Quase sempre sentávamos no chão de terra para conversarmos, algum aluno trazia uma dificuldade que vivia dentro de casa como: fome, maus tratos, promiscuidade e brigas entre os responsáveis. Neste meio tempo que trabalhava, comecei a sentir que tinha me tornado muito importante na vida dessas crianças e todos gostavam de mim, então resolvi a ampliar este trabalho e dar assistência em outros bairros da periferia da cidade.

Era um trabalho árduo, mas compensador, pois as crianças passaram a ver em mim uma saída da vida atribulada que viviam, para serem melhores na sua comunidade.

No ano de 1988 pedi na rádio local, “FM Atenas”, uma ajuda para continuarmos com este trabalho social de tanta importância para a sociedade alfenense. Atendendo a meu pedido, a rádio passou a divulgar em seus programas o Projeto Basquetebol. Um senhor de Poços de Caldas, conhecido como “Gil”, dono de uma empresa grande de fotografias por nome de “Mac Collor”, nos ofereceu uma ajuda: pares de tênis para os alunos e camisetas Pólo, Bermudas e meias soquetes, agasalhos com o nome de sua empresa, e pagamento das viagens que fazíamos com os meninos para jogarem e um lanche para cada aula no Projeto. Este foi o nosso primeiro parceiro, o qual manteve essa contribuição durante dois anos consecutivos.

3.1.2. Segunda Fase (1990 – 1992)

Em março de 1990 começou uma nova fase do Projeto, que já existia há cinco anos. Fazíamos um bom trabalho com o esporte, um bom trabalho social somente com crianças em situação de risco. Nesta segunda fase, tínhamos uma quadra, que era do Tiro de Guerra de Alfenas, situada na Av. Governador Valadares, que o Sargento responsável nos ofereceu para darmos os treinos e os nossos ensinamentos de vida. De 1990 a 1992 passaram por este Projeto mais de 100 crianças, do qual, algumas delas saíram da situação de risco, ainda que, apesar de nosso esforço, algumas mesmo assim fracassaram.

Estávamos de vento em popa, já com conversas com novos parceiros, conversas com o novo prefeito para dar continuidade no trabalho que vínhamos fazendo, uma estrutura esportiva e educacional, pois, tínhamos conversado com alguns dos professores da rede Municipal de Ensino para que ajudassem os alunos que estivessem com dificuldades de aprendizado nas matérias de Matemática e Português. Alguns educandos do Projeto Basquetebol começaram a gostar e a divulgar entre os colegas que ainda não haviam participado desse projeto.

Continuamos a fazer as aulas em galpões arranjados por empresários da cidade e estávamos contentes por Alfenas ter aceitado este Projeto, como modo de educar estas crianças e jovens fora do horário de aula. Mas como tudo o que depende de política nem sempre tem continuidade, começamos a ter um boicote por parte do Prefeito da época e de alguns empresários, que eram contra o projeto. O Projeto ficou paralisado do final de outubro de 1992, estendeu-se pelo ano de 1993 todo, ficando sem atividades até outubro de 1994, ou seja, ficamos sem atividades por dois anos.

3.1.3. Terceira Fase (1993 – 1994)

Para que o Projeto não se acabasse, após seis anos , sem apoio político e privado por motivos não entendidos até hoje, voltei a dar aulas nas ruas em 1993, pois as crianças e mães encontravam comigo e pediam para que eu não parasse, porque as crianças gostavam muito. Também continuava tendo o apoio do Sr. Gil, que ao contrário dos outros empresários, continuava dando toda a assistência que lhe era possível, só que agora não fornecia mais tênis e nem agasalhos, somente calções e camisetas.

No ano de 1994, o Tiro de Guerra não pôde mais nos emprestar a quadra por motivos internos e, não havia outro local adequado disponível para a realização do Projeto, só as ruas. Continuamos a trabalhar com as crianças, sempre tentando fazer o melhor para eles, ensinando a educação, o convívio, o

trabalho em equipe, sempre insistindo para que este trabalho um dia se tornasse política pública, para dar maior atenção para o esporte educacional, social e de alto rendimento.

Nesta fase, eu trabalhava em alguns bairros de risco social por minha conta, sem remuneração nenhuma e sem reconhecimento nenhum por parte da sociedade política. Continuei mesmo assim, porque sempre acreditei que o esporte, principalmente o basquetebol, é o meio mais persuasivo de trazer a criança e o adolescente para uma vida melhor, ou seja, mostrar à criança que ela pode sair de uma situação de risco social, para uma vida melhor.

Em fevereiro de 1995, fui aprovado em exame de seleção da Prefeitura de Alfenas, para ser professor de Educação Física na rede pública Municipal. Como o prefeito sabia de meu trabalho com as crianças dos bairros da periferia, convidou-me para ser vice-diretor do CAIC (Centro de Atenção Integral a Criança), tornando-me responsável pelo departamento de esportes dessa Instituição. Na época trabalhava com meninos que viviam, após as aulas, na rua. Procurei, então, trabalhar com esses meninos os esportes que podíamos oferecer, como: voleibol, handebol, futsal, futebol de areia, peteca e algumas noções de atletismo. O basquetebol era um esporte especial, porque na região onde se localizava o CAIC, os meninos não gostavam muito dessa prática esportiva, mas, como o prefeito achava que deveria ser dada a oportunidade a essas crianças com um trabalho condecorado por 9 anos de existência, pediu-me para que tentasse ensinar o basquetebol àquela população tão necessitada e carente de educação.

Neste período tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas interessadas em realizar trabalhos sociais com os menos favorecidos que, fizeram com que o prefeito tornasse o meu trabalho, até então voluntário, em uma política pública reconhecida pela população alfenense e regional. Pela primeira vez conseguimos trabalhar, com remuneração, o esporte que tanto amo e considero.

3.1.4. Quarta Fase (1995 – 2000)

Em outubro de 1994, a pedido do diretor Antonio Carlos Ribeiro, mais conhecido como “Leco” da Escola Estadual “Dr. Emílio da Silveira”, comecei a dar treinos de basquetebol competitivo a um grupo de meninos que viviam em situação de risco, mas que queriam ser vencedores na vida. Partindo de um pedido, comecei a treiná-los para o basquetebol e para a vida. Com a entrada de um Prefeito novo, e jovem, mostrei a ele que o basquetebol poderia ajudar as crianças que viviam em situação de risco e ele prontamente me deu carta branca para trabalhar com os meninos, oferecendo bolas, ginásio poliesportivo, roupas de treinos, roupeiro, agasalhos de viagem e transporte para todos os que participavam do Projeto Basquetebol e Cidadania.



Fonte – Acervo do autor

Figura 1: Primeira participação do grupo de alunos do projeto no campeonato Mineiro Infanto-Juvenil – 1995, Alfenas/MG

Por estas razões me dediquei como nunca ao Projeto. Conseguimos ótimos resultados com os participantes e um convívio enorme com os pais, pois sempre fazíamos reuniões e contávamos como estava indo cada educando do projeto basquetebol.



Fonte: Acervo do autor

Figura 2: Foto do time de basquete infanto-juvenil de Alfenas formado no Projeto Basquetebol, na cidade de Campo Belo, JIMI (JOGOS DO INTERIOR DE MINAS, categoria adulto) em 1996.

Nestas formações de turmas tive os meninos do Colégio Estadual que se sobressaíam em todos os aspectos, pois usava o basquetebol para canalizar a agressividade de cada um dentro da competição, além de usar a convivência com outros meninos em situação de risco, para aprendizado de vida. Esses 12 meninos do Colégio Estadual tinham uma gana de serem campeões. Então quando eles me conheceram, me disseram que queriam ser campeões e, se eu poderia ajuda-los. Com o meu conhecimento técnico e tático do basquetebol, em pouco tempo começaram a aprender e treinar mais do que os outros meninos do Projeto.

Esses meninos tinham mesmo que ser vencedores, pois eles conseguiram superar todas as dificuldades colocadas para as competições que iriam participar.

Quando começamos o ano de 1995 fiz uma reunião com os pais. Nessa reunião tratamos do comportamento de cada garoto, pois, eles iriam mudar seus hábitos e seus costumes, para realizar o treinamento do basquetebol competitivo.

Começamos os treinamentos no dia 4 de fevereiro com as condições que o atual prefeito oferecia. Tínhamos treinos físicos às 05h30min e às 17h30min diariamente, exceto aos domingos. O treino da manhã durava uma hora e meia, e o da tarde, duas horas. Foram três meses de preparação física, para depois começarmos os treinos técnicos e táticos. Começamos com 15 garotos e, no terceiro dia de treinamento, ficaram somente os 12 garotos que compuseram a equipe.

Foi um trabalho árduo tanto para estes garotos como para mim, que havia assumido a responsabilidade com o prefeito de que traríamos resultados bons deste treinamento, tanto para a cidade como para a comunidade de cada garoto.

Por esses motivos, a memória deste trabalho constitui no eixo principal desta dissertação, que norteará o conteúdo do quarto capítulo.

Esses garotos passaram o ano todo treinando e fazendo jogos para aprenderem a jogar o basquetebol competitivo e, alguns aspectos do percurso de vida desses jovens podem ser conhecidos a partir de seus depoimentos.

3.1.5. Quinta Fase (2001 – 2007)

No final de 2001, tínhamos equipes formadas para competições nas categorias mirim, infanto-juvenil, juvenil e adulto, além de uma escolinha com 45 alunos aprendendo e se desenvolvendo para o basquetebol competitivo.



Figura 3: Equipe Mirim dos alunos do Projeto Basquetebol e Cidadania, ano 2000, Alfenas-MG

Fonte – Acervo do autor



Figura 4: Equipe Infanto Juvenil dos alunos do Projeto Basquetebol e Cidadania, ano 2001, Alfenas-MG

Fonte: Acervo do autor



Figura 5- Equipe Juvenil dos alunos do Projeto Basquetebol (Grupo de 1994), ano 2001, Alfenas-MG
Fonte – Acervo do autor



Figura 6: Equipe Adulta de Basquetebol campeã dos XVIIº JIMI, em viagem para Brusque-SC representando o Estado de Minas Gerais nos Jogos Abertos Brasileiros 2001.

Fonte: Acervo do autor

Mas, não gostando do nosso trabalho, ou por ciúme, não sei ao certo, o Secretário de Esportes do Município que é um médico ginecologista e um apaixonado por futebol, encerrou o basquetebol na cidade. Primeiramente cancelou o horário de treino no ginásio poliesportivo municipal, depois devido a pedido dos pais cujos filhos faziam parte do Projeto, reclamaram com o prefeito e ele voltou a ceder o horário pela metade do tempo, pois o mesmo alegava que havia outros esportes para treinar. Depois, acabou cortando mesmo o nosso horário e, ficamos sem quadra para darmos continuidade no Projeto. Ficamos até novembro de 2007 sem atividades. Com isso paramos de trabalhar inclusive nas ruas, pois, eu já não tinha mais tempo para me dedicar ao basquetebol.

3.2. O Projeto Basquetebol Atual

No início do ano de 2008, o prefeito atual convidou-me para voltar a realizar o trabalho do Projeto Basquetebol e Cidadania, desta vez pela Secretaria de Educação, oferecendo condições como: materiais e locais específicos para a realização do projeto. Desde então, estamos trabalhando novamente com crianças e adolescentes que vivem em situação de risco, tentando educá-los em espaços não formal e sob minha coordenação.

Como este trabalho sempre foi feito pela Secretaria de Esportes (só que nunca havia sido reconhecido), procuramos, dentro da legalidade, acabar o Projeto pela Secretaria de Esportes e por intermédio e incentivo da Secretaria de Educação e Cultura da cidade de Alfenas. Começamos a colocar o Projeto Basquetebol e Cidadania (este nome foi dado pelo professor-orientador Luis Antonio Groppo, pois até então, o nome era Projeto Basquetebol) para funcionar por intermédio dessa Secretaria no final de 2007, onde funciona até hoje.



Figura 7: Alunos integrantes do Projeto Basquetebol e Cidadania – 2009 Alfenas/MG

Fonte – Acervo do autor

3.2.1 Os Recursos

O Projeto Basquetebol e Cidadania atual é desenvolvido na quadra da UNIFAL –MG (Universidade Federal de Alfenas). O Secretário da Educação fez um ofício, solicitando ao Reitor da Universidade permissão para ser realizado o Projeto Basquetebol e Cidadania com adolescentes e jovens, que vivem em situação de risco, carentes em esportes e que vivem e estudam na periferia da cidade de Alfenas-MG. Com o pedido aceito, nosso Secretário de Educação pediu-me para começar a funcionar o projeto na Unifal e na quadra municipal do Bairro Santa Rita onde estamos em funcionamento. Na Unifal funciona das 14 às 16h, de segunda a quinta-feira. Na quadra da Santa Rita funciona de segunda a sexta-feira das 16h e 30min às 18h e 30 min. Os equipamentos para a aprendizagem no projeto são: bolas, cordas, cones e bambolês, todos doado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Alfenas. A única exigência

da Secretaria foi que os meninos, além de serem da periferia da cidade, fossem também estudantes de escolas municipais e estaduais.

3.2.2. Os Parceiros

No início de 1988, por intermédio da Rádio Atenas FM, da cidade de Alfenas, conseguimos o primeiro patrocinador do Projeto Basquetebol e Cidadania. Logo após minha entrevista naquela Rádio, e com os apelos à população da cidade recebi um telefonema do Sr. Gil, dono de uma empresa de fotografias que novamente nos ofereceu ajuda.

Quando começamos a trabalhar o basquetebol competitivo com esses 12 garotos recebemos apoio das empresas Mac Collor, da Alfetur (transportes coletivos da cidade de Alfenas) e do Restaurante Pinguim que cuidava com o maior carinho da alimentação dos atletas.

No ano de 2000, continuamos a receber ajuda das mesmas empresas para disputarmos a Segunda Divisão-Adulto do Estado de Minas Gerais, recebendo ainda uma excelente ajuda da Industria UNIFI DO BRASIL que se encontra instalada na cidade de Alfenas-MG. Para melhorar ainda mais este capítulo, colocamos as falas de alguns dos patrocinadores que nos ajudaram ao longo do tempo de vida do Projeto Basquetebol e Cidadania. (FALAS DOS PARCEIROS)

Entrevista com Sr. Gil da Mac Collor.

1. Gostaria que você explicasse o motivo que o levou a ser o primeiro patrocinador a ajudar o basquetebol de Alfenas?

- Em primeiro lugar, meu nome é Gil, trabalho no comércio fotográfico aproximadamente há 42 anos e em Alfenas há exatamente 36 anos. O meu comércio sempre foi voltado para a área de fotografia, na parte de cobertura de eventos sociais como: casamentos, aniversários, formaturas, e também nós aqui somos pioneiros em revelação rápida, pois, até então, não havia este tipo de revelação e, eu trouxe há trinta anos este tipo de revelação. Para se ter uma idéia uma revelação demorava cerca de trinta dias e nós

fomos o inovador deste processo. O que me incentivou a patrocinar pela primeira vez o basquete, é que na época eu lendo o jornal, havia uma manchete do projeto Basquetebo, pedindo ajuda para o comércio local, aos empresários, para que patrocinassem este esporte para dar uma nova condição aos alunos do projeto. Nesta época eu tinha um convênio com um grande laboratório, onde o mesmo me destinava uma verba para patrocinar eventos sociais ou esportes ou o que eu quisesse. Resolvi ajudar o basquete porque eu conhecia o professor e sabia de sua capacidade de atuar com estes meninos dando uma condição de vida melhor para eles.

2- Você nos ajudou muito dando uniformes, pagando viagens, fornecendo tênis para esses garotos que não tinham nem para sair de casa e você, por intermédio do laboratório FUJI, nos deu este respaldo. Baseado em sua fala, gostaria de saber o que mais motivou para ajudar o basquetebol?

- Bem Conrado, assim como na área de basquete, hoje ainda, eu me preocupo com a área social, ou seja, as pessoas devem ter oportunidade, porque se não tiverem a oportunidade elas jamais poderão mostrar o outro lado da moeda. Então o que acontece! não somente na área esportiva, mas também com funcionários, porque alguns deles que trabalham ou já trabalharam comigo, eram varredores de ruas, engraxate e acredito que se cada um fizesse um pouco pelo próximo o nosso país seria um pouquinho melhor.

3- Por que você destinou este patrocínio para o basquete, tirando o pedido do professor que ele havia feito no Jornal?

- Simplesmente, tirando o jornal, houve um pedido! para alguma empresa que estivesse interessada e, eu tinha uma empresa grande que me dava condições de bancar este patrocínio.

4- Gostaria de fazer a última pergunta e coloca-lo a par do que você deu a esses meninos uma nova educação como: todos eles são formados, um é dentista o outro farmacêutico, um engenheiro mecânico, outro engenheiro de telecomunicações e assim por diante. Foram 12 meninos que você conseguiu dar uma vida nova para eles, uma motivação, pois não foram campeões somente no basquetebol mas também na vida, e hoje você escutando isso o que poderia me falar ?

R- VALEU! Temos que tirar na próxima reunião anual deles uma foto para podermos mostrar que nesta vida tudo é possível.

Representante da empresa de fios de poliuretano UNIFI DO BRASIL.



Figura 8 - Equipe vice-campeã da 1ª copa dos Campeões do Estado de Minas Gerais, representando o estado no JAB's (Jogos Abertos Brasileiros) Atibaia-SP 2000.

Fonte: Acervo do autor

.Apresentação:

- *Meu nome é Burmim, sou responsável da área administrativa da UNIFI com cargo de gerente administrativo, vim para Alfenas há 13 anos mais ou menos, desde a implantação da fábrica em Alfenas. Tenho formação em nível superior em Ciências Contábeis.*

- Por que a UNIFI resolveu ser parceira do Projeto Basquetebol e Cidadania?

- *Por ela ter uma preocupação com o social. A UNIFI achou importante patrocinar este Projeto apresentado pelo professor Conrado. Este Projeto é importante porque tira os meninos da rua, dando a eles nova oportunidade, dando o que fazer a esses garotos. Existe esta preocupação no país inteiro, porque a ociosidade leva os garotos a cometerem crimes, usar drogas desde cedo, então, dar alguma ocupação a esses jovens com atividades esportivas é uma solução.*

- E a UNIFI tem essa preocupação social aqui na cidade, principalmente com este Projeto do Basquetebol?

- *Tem! E ela ajuda não só este projeto mas também na área de Segurança Pública, creches e outras entidades sem fins lucrativos.*

- O que mais motivou a UNIFI a ajudar o basquetebol Alfenense?

- Foi a seriedade que vinha sendo conduzida esta prática esportiva. Então, nos foi apresentado toda uma organização voltada pelo social e a UNIFI se interessou em abraçar esta causa, patrocinando e ajudando este time de basquetebol.

5- Bourmim, explique como era essa parceria e como ela funcionava?

- Ajudava na participação da equipe nos Jogos Abertos Brasileiros, pagando toda a equipe, despesas de viagem, de estadias, despesas em hotéis em São Paulo, uniformes e tudo aquilo que fosse necessário para os atletas. Então para o social do Município foi importantíssimo.

Apresentação do Gerente administrativo da empresa de transportes coletivos da cidade de Alfenas- ALFETUR.

- Eu sou Cornélio Vilela Pereira, gerente administrativo da empresa Alfetur-Alfenas transporte turismo Ltda há 25 anos. A empresa é concessionária do transporte coletivo urbano da cidade de Alfenas desde 1972 e, tem atuado na área social com desenvolvimento de projetos filantrópicos e na área esportiva. Sou formado em Direito e Economia. Atualmente estou terminando a Pós-Graduação em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas em São Paulo.

- Sr. Cornélio, qual o motivo que levou a empresa a ser parceira do basquetebol em Alfenas?

- A Alfetur ajudava muito o futebol em Alfenas, mas este estava paralisado e, como nos foi apresentado um projeto excelente para educação de jovens na área de basquete, pudemos acompanhar este projeto e dar continuidade ao projeto.

- O que mais motivou a empresa a ajudar o basquete em Alfenas?

- Pelo projeto que nos foi apresentado, viu-se que o maior interesse do programa era o combate às drogas e o de tirar os jovens da rua e, com este projeto nós pudemos ajudar, acabando assim com o tempo ocioso destes meninos da rua, por intermédio da prática do basquetebol.

- Cornélio, explique a parceria da Alfetur e como ela funcionava?

- A Alfetur dava o transporte, alimentação e o uniforme para os atletas. Como a empresa era parceira, se preocupava com o lado social do projeto, pois, a maioria dos meninos era carente e de baixa renda, então, nós

pudemos ver a seriedade do trabalho do professor e o projeto com início, meio e fim, que era destinado aos jovens que faziam parte do projeto.

3.2.3. Os Jovens

Os jovens frequentadores do projeto basquetebol e cidadania sempre foram alunos da rede pública Municipal e Estadual e todos os educandos são alunos dos colégios da cidade de Alfenas e não são necessariamente jovens que vivem em situação de risco, isto quer dizer que: situação de risco social a que me refiro são geralmente filhos de alcoólatras, marginais, drogados e de baixa renda. Isto, também, não quer dizer que somente estes alunos vivem em situação de risco, mas, são os que mais frequentam o projeto.

Atualmente contamos com 47 alunos que frequentam o projeto, dentre eles, duas meninas. Estes jovens são de bairros da periferia e de baixa renda familiar, no entanto alguns dos alunos trabalham para ajudar nas despesas de casa.

Como são de baixa renda, o atual prefeito com sua reeleição havia me prometido uma ajuda para estes garotos como: roupas de treinos para o projeto, tênis e uma condição melhor para essa educação não formal que vem sendo dada há tantos anos. Essa preocupação do nosso prefeito tem direito à sua fala gravada em VHS.

1- Apresentação:

- Meu nome é Pompílio de Lourdes Canavez sou bancário aposentado pelo Banco do Brasil, sou um dos fundadores do partido do PT e sou o prefeito de Alfenas eleito em 2004 e reeleito em 2008.

- Sr. prefeito, explique qual o motivo que o levou a fazer o projeto Basquetebol e Cidadania?

- O basquete, assim como os outros esportes, é uma oportunidade de inclusão social, e o trabalho que o professor já vem fazendo há muitos anos

em nossa cidade especialmente com jovens carentes, sempre chamou muito nossa atenção. Então, ao idealizar o programa Cidade Escola, pensamos logo no esporte e priorizamos alguns parceiros, no caso o professor e a sua luta histórica pelo basquetebol e pela inclusão social. Como nós queremos que os jovens, que gostam do esporte, que gostam do basquete, que tenham sua educação integrada, nós escolhemos o basquete e o professor Conrado como parceiros do Programa Cidade Escola.

- Qual o motivo que fez o basquete parceiro do programa Cidade Escola?

- Algumas crianças só conheciam o basquete pela televisão, e jovens que têm seu tempo livre ou ocupado com coisas que não são boas, trazendo prejuízos para os próprios jovens, para a família dos jovens e para sua comunidade de um modo geral. Sabedor do trabalho que o professor Conrado já fazia com uma parte dos jovens de nossa cidade, já havia um trabalho social que vinha sendo desenvolvido, então, para nós, foi mais fácil por que foi um casamento que já estava pronto, e muitos jovens de nossos bairros carentes da cidade têm no basquete uma oportunidade de praticar um esporte e quem sabe até de pensar em um futuro melhor.

- Sr. Prefeito, explique a parceria e como ela funciona?

- Nós estamos transformando toda nossa cidade em uma grande escola. Para nós, aprender e ensinar não pode ficar limitado somente às salas de aula e apenas aos professores, toda a cidade deve estar envolvida no processo de ensinar e aprender, então a cidade inteira é uma grande sala de aula nas ruas, os clubes, nas entidades e o basquete então, através de uma parceria com o professor Conrado, chamamos estagiários de Educação Física, professores, jovens que já têm uma iniciação no basquete e utilizamos as quadras que construímos na cidade e os jovens tem um conhecimento das técnicas, jogar basquete e transformar de certa forma através deste programa que ajuda a reviver a grande perspectiva de criar novos jogadores como foi o caso do Professor Conrado.

3.2.4. A Dinâmica do Projeto

Neste trabalho faço uma dinâmica de aprendizagem educacional, sempre comparando os exercícios do basquetebol com a vida cidadã que cada aluno deve cumprir e viver: em treino de basquetebol, temos que correr atrás do outro para realizarmos o objetivo do jogo que é fazer a cesta e, assim é na vida de cada um, pois temos que lutar e conseguir o nosso objetivo que é o de vencer na vida profissional, ser alguém que seja respeitado e um cidadão de

bem com a sociedade. Começamos as aulas com ensinamentos de exercícios para melhorar a coordenação motora de cada aluno.

Em nossas primeiras aulas conversamos sobre as famílias, para que se possa saber das dificuldades que enfrentam no convívio social e no convívio de suas casas.

Portanto, dou a eles um suporte para que entendam as dificuldades que a vida de cada um oferece e para que eles possam entender que tudo na vida deve, além da luta do dia a dia, ser persistente para conseguir o seu objetivo. Isto é mostrado, para os alunos do projeto com um filme de basquetebol por nome de “Coach Carter, treino para a vida”

Não importa ao Projeto se os alunos são bons ou ruins, quero dizer: os alunos para frequentarem o projeto não precisam ser talentosos ou terem habilidades para o esporte, pois não necessitamos de formar atletas, basta que tenham vontade de aprender e praticar os ensinamentos da vida e do basquetebol para realizar o seu maior sonho que é o de frequentar o projeto e tornarem-se cidadãos. O talentoso também recebe o mesmo tratamento dado a todos, só que o talento aprende o básico mais rápido e como consequência do trabalho irá representar a cidade em jogos regionais, municipais, estaduais e brasileiros. Com o desenvolvimento deste projeto, e por intermédio da Secretaria de Educação e Cultura que realiza as Olimpíadas Escolares, é oferecido para os destaques dos jogos oportunidade a esses atletas de jogarem pelas escolas particulares que são o colégio Objetivo, o colégio Sagrado Coração de Jesus e o colégio Anglo, pois as Olimpíadas não são realizadas somente com escolas públicas, mas sim com todas as escolas do Município. Como as escolas públicas sempre estão em destaque nessa competição, as escolas particulares aproveitam estes atletas e dão a eles bolsas de estudo para poder defender a escola no próximo ano. Com isso não quero dizer que as escolas públicas de Alfenas têm o ensino pior do que das escolas particulares, mas, entra a vaidade das escolas particulares de poder doar bolsas aos alunos em destaque, para conseguirem as medalhas e os troféus que as colocam como melhores escolas da cidade.

A dinâmica principal do projeto é exatamente a de dar oportunidade a esses adolescentes e jovens de socializarem-se e educarem-se para que sejam pessoas trabalhadoras e cumpridoras de seus deveres e direitos como cidadãos.

Em nossas aulas tratamos de assuntos como: sexo, drogas, pequenos furtos, gravidez precoce e outros temas de interesse, em conversas que temos com estes alunos, antes de começarmos os treinamentos. Depois marcamos reuniões com os responsáveis por estes adolescentes e jovens, para que tenham influência também nas reuniões de associações de bairro, com outros responsáveis por crianças que não participam do projeto e repassem alguns ensinamentos sobre educação e convívio social debatidos em nossas reuniões, para a sua comunidade.

Estes alunos têm um limite de até dezoito anos para frequentar o Projeto, depois disso, os que não querem mais jogar poderão sair, do contrário continuam recebendo ensinamentos de basquetebol para se tornarem atletas ou simplesmente para continuarem participando de competições regionais, estaduais e brasileiros, representando a cidade de Alfenas ou outras cidades que os convidarem para jogar.

As regras que temos que seguir são as mesmas do basquetebol, pois são muito explícitas para a vida. Estas regras são: respeitar o próximo como pessoa e como competidor; ser aguerrido pela sua equipe, para poder adquirir nova oportunidade de ataque, ser aguerrido para poder competir no basquetebol, assim como na vida e lutar sempre para conseguir ser vitorioso.

As punições não existem, porque o próprio jogo pune o aluno que desobedece as regras e, como tal, não serão vencedores se não cumprirem os ensinamentos dos treinos técnicos, táticos e de conjunto, pois este esporte não é individual, por isso a necessidade de se depender um do outro.

As principais dificuldades são exatamente a de aprender o jogo, a de respeitar as regras (pois, a maioria desses meninos não vive sob regras em casa) e de aceitarem as normas de treinamento (disciplina e obediência técnica

e tática) para a sua melhora no basquetebol e em sua vida particular. Para lidar com essas dificuldades temos conversado muito a respeito do esporte e assistido muitos vídeos de jogos para absorverem alguma coisa que falta para eles. Nestes vídeos eu mostro a vida de atletas que treinam e de ex-atletas falando de sua vida quando recebia treinamentos para jogar.

4 - VOZES E EXPERIÊNCIAS

Este capítulo terá como objetivo o de analisar em que medida o Projeto Basquetebol, desenvolvido em Alfenas-MG, contribui para a socialização e a promoção da cidadania dos jovens que passam por ele. Ele será escrito a partir das seguintes técnicas de coletas de dados: memorial e documentação pessoal do pesquisador; observação das atividades do projeto, registrada em diário de campo; entrevistas com alguns educandos atuais ou que já passaram pelo projeto; e aplicação de questionários com os educandos atuais.

Também este capítulo contém o roteiro para as entrevistas do Projeto Basquetebol.

Como se trata de um trabalho sobre a vida desses garotos no basquetebol, dirijo a eles algumas perguntas que eles irão responder, em forma de entrevista, falando sobre os aspectos positivos e negativos deste tempo.

Sobre a possibilidade de a história oral valorizar e contemplar o subjetivo, diz Pollak (apud Fernandes, 2007, p. 30).

Acho que hoje a questão objetivo versus subjetivo está um pouco ultrapassada. Em certos artigos de Bertaux, e sobretudo de Régine Robin, a questão foi transportada para outro nível. O debate entre subjetividade e objetividade transformou-se num debate opondo a escrita cientificista. Haveria de um lado o vazio, o seco, o enfadonho, que seria o discurso científico, ainda por cima reducionista e, diz Régine Robin, fechado a pluralidade do real, enquanto a História Oral seria uma das possibilidades de reintroduzir nas ciências humanas [...] uma escrita não apenas subjetiva, mas sobretudo literária (p.210).

Como os jovens falam de suas memórias, do Projeto Basquetebol em alguns momentos de suas práticas, eu também o faço por ter tido a oportunidade de ser eu o idealizador e professor desses alunos. Deste modo, foi possível trazer a contribuição da História oral para esta dissertação.

Para realizarmos estas entrevistas, resolvemos primeiramente escolher um local onde os ex-alunos do projeto e os alunos atuais pudessem sentir-se à vontade. Todos os ex-alunos do Projeto em 1994 foram entrevistados em

minha casa, exceto meu filho, que entrevistei em sua casa em Guarapuava/PR. Os alunos atuais foram entrevistados na casa de um deles, o Danilo.

Apresento abaixo o roteiro utilizado para estas entrevistas:

- 1- Apresentação;
- 2- Por que resolveu entrar no basquetebol e o que esperava? O que você esperava aconteceu? Por quê?
- 3- Conte sobre suas principais realizações e vitórias que viveu no basquetebol.
- 4- Conte sobre suas principais dificuldades e derrotas que viveu no basquetebol.
- 5- O que o basquetebol trouxe de mudanças para você (no seu corpo, nos seus hábitos e na sua vida)?
- 6- Quais são outras lembranças que guarda do basquetebol e gostaria de contar?
- 7- Em que, o que, você viveu no basquetebol que contribuiu para sua vida adulta?

4.1 O Grupo de 1994

Quando fui procurado por um grupo de meninos que queriam aprender a jogar o basquetebol competitivo, não sabia que tinha em mãos campeões, e com muita vontade de serem também campeões na vida. Também desconhecia que este trabalho poderia vir a ser um trabalho de pesquisa científica, mais tarde. Como estou apresentando este trabalho agora, faço aqui uma pequena apresentação de cinco ex-alunos do Projeto Basquetebol e cidadania.

Deste grupo de 12 alunos, consegui entrevistar somente cinco, que se dispuseram a ser entrevistados. Dos outros, por não morarem atualmente em Alfenas, não foi possível colher os relatos orais.

Esses meninos tinham mesmo que ser vencedores, pois eles conseguiram superar todas as dificuldades colocadas para as competições que iriam participar.

Relação dos 12 meninos, nome e situação socioeconômico de 1994 e nos dias atuais.

Piero Gavanski – Classe média, filho de professores envolvimento com drogas, formou-se em Economia e hoje comerciante no ramo de alimentação em Curitiba.

Giovane Galdino – Classe menos favorecida, filho de mãe solteira, vivia nas ruas e sem nenhum tipo de educação, Doutorando em Belo Horizonte e professor da Ciências Médicas em Belo Horizonte.

Felipe França Maciel – Classe rica, filho de Médico e bancária, excelente criação, hoje Fisioterapeuta em São José dos Campos

Osmar Camargo – Classe menos favorecida, filho de lavador de carros e empregada doméstica, menino revoltado com sua situação financeira, hoje professor de História em Sorocaba.

Eduardo Marques, o pai era motorista da prefeitura e mãe professora, vivia com amizades duvidosas e alcoolismo, formou-se em Engenharia de Telecomunicações, reside em São Paulo.

Eduardo Veronezi da Silva, filho de pai serviços gerais da Ford em Alfenas e de empregada doméstica, criação muito boa dada pela mãe, hoje é dentista e ortodontista no Estado do Pará.

Flávio Cardoso, pai envolvido com drogas e mãe doméstica, menino revoltado com a situação do pai, hoje formado em Direito e delegado na cidade de Boa Esperança.

Luis Gustavo Cardoso, filho de mecânico e mãe doméstica, vivia envolvido com alcoolismo, hoje formado em Nutrição, mestre em Nutrição Esportiva e professor na Federal da Bahia.

Geraldo Rosa Neto, filho de montador de móveis e sua mãe funcionária da Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas hoje UNIFAL, envolvido com pessoas de condutas duvidosas, hoje Bioquímico, funcionário do laboratório da Santa Casa de Misericórdia de Alfenas.

Noler Flausino, Classe rica, filho de Dentista e Bioquímica, excelente criação. Hoje Profissional de Educação Física, trabalha como Personal Trainer.

Adriano Esteves, Classe menos favorecida, vivia nas ruas, envolvimento com drogas, órfão de pai e mãe lavadeira de roupas. Hoje comerciante e fazendo Educação Física.

José Marcos, Classe média, filho de professores, uma boa criação, hoje dentista e ortodontista no Paraná.

A entrevista foi feita por meio do roteiro acima apresentado, aplicado aos cinco ex-alunos, filmados em minha casa em uma câmera filmadora e transportada para um DVD após a filmagem. Esta filmagem foi feita no mês de julho de 2009.

Antes de fazer a interpretação destas entrevistas, gostaria de relatar um pouco sobre a história deste grupo com base em minha própria memória, em meu diário de campo e documentos coletados.

4.1.1 O Começo

Em 1994, conheci o grupo de meninos que viviam em situação de risco social, a pedido do diretor do Colégio Estadual “Dr. Emílio da Silveira”. Os meninos me pediram para que os treinasse para serem campeões. Diante de um pedido desses, você treme, pois é uma grande responsabilidade para um treinador assumir um grupo que não conhece e do qual não sabe das condições que viviam. Mas a minha resposta foi positiva, porém, com algumas considerações sobre o que era necessário fazer, como: “vocês terão

obrigações a cumprir e deverão ser daqui em diante bons alunos, sim porque vocês não têm outras obrigações a não ser estudar e, como aprendi, o sucesso aqui dentro da quadra é o mesmo sucesso na vida, fora da quadra”.

Conversamos bastante para colocarmos nossas diferenças em pratos limpos e, quando não eram obedecidas as normas, a punição partia dos próprios colegas. Diziam que o grupo era fechado e ninguém poderia quebrar as regras impostas pelo professor.

Essas regras eram: ser bons alunos, não faltar a treinos, cumprir com seus deveres em casa, na escola e com a sua comunidade, com seus pais, com os irmãos menores ou maiores, com seus familiares e, por fim, obedecerem as regras do basquetebol e as do treinador.

Como todo começo é bom e novo, tudo se iniciou bem, mas, depois de certo tempo, as coisas começaram a mudar e alguns alunos que faziam parte do elenco não quiseram ficar e o grupo se restringiu a 12 jogadores.

Quando ficaram estes 12 meninos, começamos realmente a ensinar-e-aprender o basquetebol básico e fundamental, sem preconceitos e sem estrelismos. Éramos uma família, me sentia como pai daqueles garotos e eles se sentiam como meus filhos. Tinham o poder de me chamar a atenção quando necessário ou quando eu extrapolava um pouco com o meu gênio de treinador, e eu chamava a atenção deles como se fossem meus filhos. Enfim, estabelecemos uma relação verdadeira, autêntica.

4.1.2 Apresentação

Na primeira questão das entrevistas, pedimos para que eles se apresentassem. A partir disto, temos uma caracterização deste grupo. Pelas respostas abaixo, vimos que quase todos fizeram uma graduação, e alguns foram até além na sua formação, o que não é regra na classe social de alguns deles:

JOSÉ MARCOS: *Meu nome é José Marcos, tenho 27 anos, me formei em odontologia em Alfenas, fiz especialização em ortodontia, não moro mais em Alfenas, moro no Paraná há mais ou menos cinco anos e estou bem profissionalmente*

GIOVANE: *Meu nome é Giovane Galdino, mais conhecido por Galdino, tenho 30 anos, solteiro, sou fisioterapeuta, graduado na Unifenas, sou especialista em Reabilitação Cardíaca pela faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, aprimorado em reabilitação respiratória pelo Hospital Felício Roxo em Belo Horizonte, mestre em fisiologia e farmacologia pela UFMG e doutorando pela UFMG em Farmacologia. Hoje sou Professor na especialização da faculdade de Ciências Médicas nas áreas de fisiologia e enfermagem.*

GERALDO: *Meu nome é Geraldo, tenho 29 anos, sou farmacêutico-bioquímico, sou casado, moro em Alfenas, trabalho no laboratório da Santa Casa de Alfenas.*

NOLER: *meu nome é Noler, tenho 30 anos, sou um profissional de educação física, desenvolvo alguns trabalhos de performance física, sou casado, moro em Alfenas, sou nascido em São Paulo e sou especialista em treinamento desportivo.*

ADRIANO: *Meu nome é Adriano, mais conhecido como Adrianão, sou de Alfenas, moro em Alfenas, sou comerciário, sou solteiro e tenho 31 anos.*

4.1.3 Motivações

Neste grupo de 1994, observamos dois tipos de motivação que os levaram ao Projeto: sair das ruas e conviver socialmente. Há um caso em que foi essencial a influência do pai – no caso, meu filho, José Marcos. Outro caso diferenciado é o fato de que não aconteceu o que o jovem esperava.

Abaixo transcrevo as falas dos meninos em relação à motivação.

JOSÉ MARCOS: - *Para poder participar de algum esporte, poder disputar com outros garotos que tinham a mesma condição e via nos garotos que participavam do Projeto a alegria e o prazer de praticar o basquete. Mas, o que mais me motivou, foram os meus amigos que estavam no projeto e, o meu pai, uma vez sendo o técnico, dizia da importância de praticar um*

esporte, de competir e com ele trazer o conhecimento de uma melhor condição para conviver com a família e com a sociedade.

GIOVANE: - *Ficava muito na rua, brincando, não tinha tantas amizades boas e vi que neste projeto havia muitos meninos da mesma situação, só que participavam de jogos, de uma vida mais sociável e isto me fez enxergar uma condição melhor de vida.*

ADRIANO: - *Por que eu estava na rua precisava praticar algum esporte e no basquete eu achei uma maneira mais fácil de fazer o esporte. O que eu esperava aconteceu por que encontrei várias amizades que tenho até hoje e aprendi muito com o professor Conrado..*

GERALDO: - *Pela amizade que tinha, porque eu jogava futebol e depois eu comecei a gostar só do basquete, porque todos os amigos foram para o basquete, e aí peguei amor pelo basquete, entramos em competição e foi muito bom. O que eu esperava aconteceu porque virei jogador de basquete, passei dos 12 aos 18 anos dedicando só ao basquete, jogamos concentramos, ganhamos e tenho amizades verdadeiras até hoje por conta do basquete.*

NOLER: - *Entrei no basquetebol devido a uma cultura familiar, de estar fazendo alguma atividade e de estar fazendo algum esporte e o basquetebol, me chamou a atenção pela complexidade e pela minha estatura. Eu achava mais fácil jogar basquete do que jogar futebol. Queria ser um jogador de expressão no basquete e com o passar dos anos eu continuei com essa expectativa, mas em vão.*

Observamos diversas motivações entre estes ex-alunos. Registraram que necessitavam conhecer algo diferente da vida que levavam, sem brigas, sem drogas e com uma amizade sincera. Alguns realmente viviam praticamente às margens da sociedade e com um alto risco de perder a própria vida. Com seus próprios esforços e alguns aprendizados do projeto, puderam viver em sociedade para se tornar alguém na vida para obter a cidadania.

Contudo, ainda assim tivemos um exemplo, talvez, de frustração, do ex-aluno Noler, que esperava se firmar como jogador profissional.

4.1.4 Vitórias e Realizações

As nossas vitórias foram imensas. Foi um grupo que conseguiu ser campeão mineiro após quatro anos de treinamento e, talvez o mais importante, depois quase todos se formaram em nível superior. Todos os doze meninos se formaram em curso superior, menos um que, enfim, agora está cursando a graduação em Educação Física graças à ajuda dos outros formados para pagar as mensalidades. A maioria deles se casou e constituiu família. Todos se encontram em situações de bem estar social e material, enfim, eram campeões de verdade, só precisavam de um “empurrãozinho” para poderem aflorar suas virtudes como homens e cidadãos.

Começamos a treinar no final de 1994 e nossa primeira vitória foi o vice-campeonato do 1º circuito regional de basquetebol juvenil (foto e reportagem abaixo)



Figura 9: Reportagem sobre os garotos que iriam participar pela primeira vez no campeonato mineiro infanto-juvenil em 1995.

Fonte: Jornal dos Lagos, 07 Out 1995, pg. 1 caderno de esportes Alfenas/MG

O ano de 1998 foi a consagração desse grupo, foi o ano que ganhamos quase todas as competições em que participamos:

O primeiro prêmio desse grupo foi de ter participado da 1ª fase dos Jogos do Interior de Minas (JIMI), quando sagrou-se campeão invicto.



O time de Alfenas é formado por jogadores com idade média de 18 anos

Basquete de Alfenas é campeão da primeira fase

O time de basquete masculino de Alfenas conquistou o título da primeira fase dos Jogos do Interior de Minas. A competição foi realizada de 10 a 14 deste mês, na cidade de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte. Com quatro vitórias nos quatro jogos disputados, a equipe de basquete masculino de Alfenas conquistou o título invicto. O time da cidade é representado pelo Alfenense/Objetivo/Mac Color.

A partir de agora, os treinos se intensificam para a segunda fase dos Jimi, que acontece dia 25 de julho e também para o campeonato mineiro juvenil, transferido para o dia 5 de agosto.

O técnico Conrado Heyden avalia que o título veio muito prematuramente, mas que os jogadores estão conscientes de que têm que trabalhar mais ainda para chegar ao principal objetivo, que é o campeonato mineiro.

Pág. 17

Figura

10: Foto e reportagem da Equipe campeã da primeira fase do JIMI (Jogos do Interior de Minas) realizado em Itauna-MG, 1998

Fonte: Jornal dos Lagos, 20 Jun 1998, p. 17, Alfenas/MG.

Na segunda fase do mesmo campeonato fomos vice-campeões, perdendo para Lavras na final. Nosso time era juvenil, mas o campeonato era aberto para times adultos – mas jogávamos de igual para igual com qualquer equipe. Após a nossa desclassificação do JIMI fomos convidados a participar da terceira e decisiva fase do JIMI, pois as equipes participantes eram todas da

categoria adulta, somente Alfenas era da categoria juvenil, mas na fase final não conseguimos a tão almejada vitória, pois tivemos algumas contusões que desfalcaram nossa equipe. Mas, logo depois, começou o campeonato mineiro Juvenil, no qual nos sagramos campeões.

Sobre estas e outras vitórias e realizações, trago testemunhos dos ex-alunos:

JOSÉ MARCOS: *Hoje em dia eu acho que sou feliz e vitorioso na minha carreira profissional e também continuo até hoje jogando meu basquete, meu tênis, me relacionando bem com os outros, indo ao clube, indo jogar na quadra, conhecendo outras pessoas, fazendo de mim uma pessoa que se relaciona bem com todo mundo, que conversa com todo mundo e isso só veio ajudar a me fazer a pessoa que sou hoje.*

GIOVANE: *Vitórias foram muitas, dentro de quadra ganhamos alguns campeonatos, o que melhorou muito nossa estima, um menino que ganhou um campeonato, sendo reconhecido pela cidade e em sua região, citado nos jornais de sua cidade, tem um aumento de orgulho na vida. Fora da quadra, aprendemos a respeitar um líder, e até hoje isso é muito importante pra mim, pois aprendi a respeitar um preceptor de um Hospital, ou a minha orientadora do doutorado, não sobrepor, saber que a gente tem um líder e saber um momento certo de respeitá-lo. Vitórias também de como traçar um objetivo e saber como ir alcançar este objetivo, não só no esporte, mas buscando e estudando cada vez mais para alcançar o seu objetivo.*

GERALDO: *Ganhamos um campeonato mineiro juvenil, algumas fases do JIMI (Jogos do Interior de Minas), ficamos alojados no Mineirão e aquilo lá pra mim foi uma passagem da minha vida que eu não esqueço, todo mundo com aquele agasalho verde do time e viajar por muitos lugares de Minas onde a gente passou a ser respeitado, com um bom comando do professor, um time tático, forte e que não gostava de perder.*

ADRIANO: *Me realizei muito com a minha família, na minha comunidade, com meus amigos e principalmente com a minha profissão. Eu vivia muito na rua sujeito a virar um delinquente e o basquete me ajudou muito e me ajuda até hoje com a conquista das amizades que fiz.*

NOLER: *A primeira vitória foi a de desenvolver as minhas habilidades físicas, na época eu era um pouco gordo, havia um sobre peso e vencer aquilo foi uma das primeiras conquistas no basquetebol e depois com as conquistas como jogador, como atleta, foi uma consequência daquela insistência, daquela persistência, daquela vontade de vencer.*

Nesta questão os ex-alunos disseram que tiveram mais vitórias do que derrotas e todos dizem de suas realizações com a família, as amizades e seu

relacionamento com a sociedade nos dias atuais, engrandecendo mais o Projeto Basquetebol com seus ensinamentos.

4.1.5 Derrotas e Dificuldades

A pior derrota destes meninos foi, me lembro bem, quando perderam em casa o 1º Circuito de Basquetebol Regional na categoria juvenil, em 1996. Apesar de os meninos ainda serem da categoria infanto-juvenil naquele momento, a derrota foi frustrante, pois este campeonato havia sido feito para que eles pudessem ter um primeiro troféu e medalhas de campeões, para a realização de cada um. Perdemos para São Lourenço, que havia sido campeões do Interior na categoria juvenil conforme reportagem.

Quando terminamos nossa conversa, após este jogo final que havíamos perdido, os meninos me disseram que seriam campeões mineiros da categoria juvenil no ano de 1998. Após ter sido lançado o desafio do aluno Luiz Gustavo, hoje Nutricionista e Prof. Ms em Nutrição na Universidade Federal da Bahia, começaram a treinar mais e a desenvolverem melhor o basquete. Só que existia uma grande dificuldade, pois todos eles estudavam e começaram a fazer cursinho no Objetivo, pois o mesmo havia dado bolsas de estudo para todos os jogadores da Equipe de Alfenas. Então começou a maior das dificuldades, pois os meninos tinham que estudar e treinar muito para conseguirem o desafio lançado após o término da partida em que perdemos.

Vemos nos relatos abaixo, como os ex-alunos registraram este momento de derrota. Nestas falas, contudo, temos também outros aspectos relatados:

JOSÉ MARCOS: No jogo a gente estava disputando um campeonato e acabou que a gente perdeu o que tinha condição de ganhar, por que um ou outro não estava bem, por que não estava dando certo no jogo e a gente acabou perdendo, isso foi uma derrota grande. Eu por ser filho do técnico, achava que na derrota eu era mais cobrado, ou pelo menos eu achava que era, eu ser taxado como filho do técnico, às vezes eu estava no time a pessoa me olhava e achava que eu estava ali não por que era bom jogador,

mas por que era o filho do técnico, isso era uma coisa que me deixava chateado, que me deixava um pouco derrotado, por que dentro de mim eu achava que o pessoal olhava com certa diferença apesar que nunca ninguém falou nada e isso acho que sempre iria existir enquanto o meu pai fosse o técnico, depois joguei em outras equipes e me considerei que jogava bem, mas nos olhos dos outros companheiros a gente sentia uma certa diferença com relação a isso, não chegava a ser uma derrota, mas era uma situação diferente, tanto meu pai em casa, tanto meu pai no jogo, cobrando de mim e eu achando que ele falava mais pra mim do que pros outros e na verdade de repente ele falava igual, mas, me soava diferente quando ele me chamava atenção, enfim, tive que aprender a lidar com essa situação. Acabava o jogo, ia pra casa e não ter aquele sentimento de, putz! Ele me cobrou isso ou aquilo, por que não tinha nada a ver lá em casa com a quadra e ele tentava diferenciar isto e eu também, mas era difícil diferenciar jogo, esporte, de família, filho, afeto, com relação a filho e com relação a jogador em si. Não sei se derrota ou se um aprendizado, mas poderia ser esta a resposta.

GEOVANE: *Eu principalmente era muito nervoso, quando entrava em quadra não sabia muito o que fazia, mas cheguei a descobrir o motivo que eu era desta forma, que era o medo de errar, e através do professor consegui transformar este medo em decisão para melhorar em todo setor. As derrotas não foram muitas dentro de quadras e estabeleço a minha vida como vitoriosa e até hoje, graças a Deus, sem derrotas.*

ADRIANO: *A maior dificuldade foi a de aprender a jogar o basquete, de conviver com os meninos do projeto e derrotas eu não tive, pelo contrário só vitórias, aprendi muito com o basquete pois sou competitivo no mercado de trabalho e agradeço muito ao técnico.*

GERALDO: *A principal dificuldade foi por falta de apoio ao projeto que estava assim muito bem estruturado e não tinha apoio financeiro e, as derrotas foram os amigos que a gente foi fazendo e que não acompanharam a evolução da gente como tendo caráter, que ficou perdido em drogas, muita gente a gente nunca mais ouviu falar e é difícil, porque a gente sabe que nem todo mundo vai se dar bem no final, no trabalho, de ter dignidade ,vai ser uma pessoa que vai pro lado do bem e pelo menos todo mundo tentou, alguns não conseguiram por que partiram pra um lado da vida que não era o mais fácil e se perderam, mas, boa parte da gente teve exemplo de hierarquia, de respeito pelos mais velhos, chegou ao seu objetivo.*

NOLER: *Eu acredito que não tive derrotas no basquete, o basquete me ensinou a ser otimista, ele me ensinou a saber que mesmo quando eu tenho o meu time perdendo, eu ainda tenho a possibilidade de virar o jogo ou de ganhar, todo momento eu tenho a possibilidade de reverter este jogo e isso eu acho que não foram derrotas, foram ensinamentos.*

Nessa questão cada ex-aluno relatou uma dificuldade, pois cada um tem uma visão diferente e um modo de expressar todo próprio e em suas falas relatam

da dificuldade de ser o filho do técnico, a dificuldade em aprender a jogar bem basquete por conta do medo, a tristeza de ver antigos colegas não seguindo o mesmo caminho e se perdendo em drogas e marginalidade, conquistando vitórias e se tornando otimista em relação às derrotas pois não foram derrotas e sim ensinamentos

4.1.6 Mudanças

Após ter sido lançado o desafio de sermos campeões da categoria juvenil no ano seguinte, começou uma mudança imensa no comportamento desses jovens, porque tinha que treinar das 5h30min até às 7h (treino físico). Depois, tinham que tomar banho e ir correndo para o cursinho, cujas aulas começavam às 7h30min e terminavam às 12h. Em seguida, almoçavam no restaurante Pingüim e se deitavam uma hora para descansar e, mais ou menos, às 14h, começavam a estudar para o vestibular até às 16h45min. Enfim, vinham treinar das 17h até às 19h (técnico e tático). Esta foi uma grande mudança na vida desses jovens, porque tiveram que sair de suas casas e morarem juntos no alojamento do ginásio onde treinavam. Só quando não tinha jogo é que retornavam para suas casas nos finais de semana.

Com isto tudo acontecendo, conseguiram formar uma responsabilidade, um compromisso em suas vidas. Eles conseguiram, além de serem bons jogadores, serem homens honrados e trabalhadores.

As falas abaixo registram estas e outras mudanças na vida destes ex-alunos:

JOSÉ MARCOS: Disse que não houve mudanças, pois era de uma família que cultuava o esporte como um meio de educação e que somente mudou seus hábitos, pois começou a dormir mais cedo, parou de frequentar a rua, começou a adquirir vontade para seus estudos, para seus relacionamentos e contribuiu para sua vida adulta.

GIOVANE: No meu corpo foi que me tornei um atleta, pois praticávamos muitos exercícios e fui melhorando minha condição física, com dietas apropriadas e tudo isso veio melhorar minha vida e minha saúde, tanto é que faz 10 anos que não procuro um médico. Tudo isso provém da

educação corporal recebida na época de atleta. Nos meus hábitos eu aprendi a lidar com a competição, não só eu, mas todos os atletas da minha equipe. Hoje todos têm uma estabilidade profissional. E o outro aprendizado importante foi a vida em comunidade ou a vida em equipe, pois o Conrado reunia todas as mães para dizer do comportamento de cada atleta e viviam como se fosse uma família. Na minha vida eu aprendi muito, como sempre correr atrás, ser competitivo, ter sempre um objetivo para conquistar e eu devo tudo isso ao basquetebol, que me educou e me ensinou a ser um bom profissional.

ADRIANO: *No meu corpo trouxe muitas mudanças porque eu era fraco, fortaleci mais e comecei a viver melhor, porque eu não conseguia nem andar direito porque tive uma seqüela de uma poliomielite quando criança e jogando basquete aprendi a andar novamente e fiquei mais forte. Os meus hábitos mudaram muito porque passei a dormir mais cedo, minha alimentação melhorou e conseguia conviver melhor com os membros de minha comunidade. Em minha vida o basquete só trouxe melhora, porque eu não estudava e passei a estudar, consegui terminar o segundo grau e se Deus quiser ainda vou fazer a faculdade de Educação Física.*

GERALDO: *R- Fiquei mais forte fisicamente, mais ágil, a gente aprendeu a respeitar as regras e é a lei da selva né!, ser forte ágil e respeitar as regras e é isso né!. Nos hábitos mudei por que saí duma vizinhança onde eu frequentava lugares com pessoas que estavam à margem da lei, usuários de drogas, bandidos mesmo assim pesados e trilhei outro caminho, o caminho assim do trabalho, de conquistar as coisas pelo mérito da gente mesmo, ser campeão.*

NOLER: *Em meu corpo eu quis desenvolver força, desenvolver algumas características para o basquete como velocidade e nos meus hábitos, sempre procurei hábitos saudáveis como tentar dormir cedo pra fazer as atividades físicas e buscar sempre uma alimentação mais equilibrada, então o basquete me deu essa consciência de hábitos saudáveis. Em minha vida adulta o basquete trouxe pra mim sempre o aprender em qualquer situação aprender com qualquer pessoa que seja.*

Nestas respostas, todos dizem que seus corpos passaram por mudanças grandes. Quase todos destacam que deixaram, no aspecto corporal, de ser adolescentes comuns, tornando-se atletas, mais fortes e com melhoras físicas perceptíveis.

4.1.7 Contribuições para o Futuro

As contribuições relatadas para o futuro nas falas dos ex-alunos focaram a criação de responsabilidade no que se faz, bem como ser decidido em momentos importantes da vida profissional e particular.

Esses homens hoje se encontram todo final de ano e se reúnem para confabular suas vidas de casado e profissional, discutem as informações de cada um e, vivem como irmãos, pois estão sempre preocupados um com outro, ou, que não está bem na vida conjugal ou profissional. Mas, o mais importante é que eles me consideram também da família, pois são gratos até hoje pela oportunidade que eles mesmos criaram.

Abaixo, transcrevo a resposta a questão: “Em que o que viveu no basquetebol que contribuiu para sua vida adulta?”

JOSÉ MARCOS: Sim, por que assim como na quadra a gente tem que dar o melhor, tem que tentar fazer melhor, na vida é bem parecido, a gente tem que correr atrás do que a gente quer, procurar ser decisivo, tentar fazer melhor, resolver os problemas na hora, tentar melhorar. O que no esporte seria física, tática e tecnicamente, na vida seria profissionalmente. É, querendo fazer mais, querendo estudar mais, querendo ser o melhor profissional [...]. Hoje em dia eu sou que acho que sou feliz e vitorioso na minha carreira profissional e também continuo até hoje jogando meu basquete, meu tênis, me relacionando bem com os outros, indo ao clube, indo jogar na quadra, conhecendo outras pessoas, fazendo de mim uma pessoa que se relaciona bem com todo mundo, que conversa com todo mundo e isso só veio ajudar a me fazer a pessoa que sou hoje.

GIOVANE: Foram vários fatores como: comecei a viajar novo, comecei a enxergar o mundo muito novo, eu vejo hoje adolescentes que são presos e quando os pais os soltam, eles não sabem como lidar com essa liberdade. O outro fator foi que eu aprendi a aprender a competir, crescer dentro do esporte e dentro da vida que você traça, aprendi a respeitar o próximo, a respeitar um líder, aprendi a conquistar uma amizade correta, uma amizade saudável e, o mais importante, que a partir do esporte devemos sempre buscar coisas saudáveis e a correr atrás dos meus objetivos. Se não fosse o basquetebol talvez não conseguisse ser o homem que sou hoje.

ADRIANO: A ser mais sociável, ser sincero e verdadeiro comigo e com meus companheiros, ser competitivo, ser humilde sem ser capacho dos

outros e ser respeitador das regras impostas pela sociedade. Tudo isso eu devo ao basquete e ao meu professor Conrado.

GERALDO: *Acho que o principal foi ter o poder de decisão, ter direção naquilo que a gente pensa e colocar em prática.*

NOLER: *Contribuiu que é muito importante ter foco, ter e saber aquilo que queremos para nossa vida, contribuiu que todo momento você tem que tomar uma decisão e essa decisão por mais que seja pensada, muitas vezes é num curto espaço de tempo e às vezes ela é tomada pelo resto da vida, então as decisões foram muito marcantes em minha vida.*

Todos ex-alunos disseram que, se tornaram mais sociáveis, mais competitivos no mercado de trabalho, aprenderam a respeitar o próximo, a serem mais humildes e a correrem atrás do seu objetivo assim como respeitar um líder também.

Como este grupo era fechado entre eles, vale a pena dizer que se não existisse dentro de cada um a vontade de ser campeão na quadra e na vida, o Projeto Basquetebol e Cidadania poderia ter ajudado, mas talvez não com a intensidade que ajudou.

4.2. As Vozes dos Atuais Jovens

Neste item, apresento alguns relatos de cinco jovens de idades diferentes que fazem parte do projeto atualmente. Nestes, eles contam como vivem e, como entraram no Projeto Basquetebol, procurando uma nova oportunidade de vida, de afeto e de amizades.

O objetivo destas entrevistas foi tentar compreender como os jovens do Projeto atual se sentem em relação ao próprio Projeto, se delineiam perspectivas de futuro e o quanto o Projeto vem influenciando em suas vidas. Os jovens, na verdade, não foram escolhidos. Foram os que se dispuseram a realizar a entrevista. A grande maioria não aceitou ser entrevistada por timidez. Mesmo entre os jovens entrevistados, percebemos nas gravações uma grande

timidez perante a câmera e dificuldade em se expressar. Apesar de se tentar descontraí-los ao longo das entrevistas, foi difícil vencer a timidez, ao contrário do que se deu com os ex-alunos.

O roteiro de questões usado foi o mesmo aplicado aos ex-alunos de 1994, exceto por uma questão que foi acrescentada: “O que o Projeto trouxe de aprendizado para você?”.

As apresentações dos cinco entrevistados foram as seguintes:

DANILO: -Tenho 17 anos estou cursando o 3º ano do ensino médio na escola estadual Dr. Napoleão Salles, no bairro Vista Grande em Alfenas, nasci em São Paulo e atualmente moro em Alfenas no bairro Jardim Eunice.

RODRIGO: Meu nome é Rodrigo, tenho dezessete anos, moro em Alfenas, no bairro Vila Esperança, estudo na escola Dr. Napoleão Salles, faço o 3º ano do ensino médio e nasci aqui mesmo.

RODOLFO: R- Meu nome é Rodolfo, tenho quinze anos, sou de Alfenas, moro no bairro Itaparica, sou estudante e sou solteiro.

JOBSON: R- Meu nome é Jobson, eu tenho 16 anos, sou solteiro, estudante 1º ano ensino médio, alfenense, estudo na escola Dr. Napoleão Salles, moro no jardim Itaparica em Alfenas e sou Alfenense.

VINÍCIUS: R- Meu nome é Vinícius, tenho 14 anos, nasci em Alfenas, moro na Vila Esperança, estudo na Escola “Dr. Napoleão Salles”, estou estudando no 1º ano do ensino médio e sou solteiro.

Por motivos maiores os entrevistados não se sentiam à vontade e durante a gravação nota-se uma certa dificuldade de se expressar perante a câmera onde alguns se esforçam para falar um português mais correto. Por ser a primeira vez que eram entrevistados e comparando os alunos atuais com os ex-alunos vemos uma melhor desenvoltura de se expressar dos ex-alunos que ao contrário dos atuais são acostumados a dar entrevistas.

4.2.1. Motivações

Com o início do projeto no final de 2007, começamos a fazer uma propaganda motivadora para os alunos das escolas municipais e estaduais de Alfenas. A propaganda dizia que seriam formadas equipes das categorias infantil (14 e 15 anos), infanto-juvenil (15 e 16 anos) e juvenil (17 e 18 anos), para defender Alfenas em competições regionais e estaduais. Ao serem aceitos no projeto, estes alunos receberiam passes de ônibus coletivos para irem aos treinos, roupas de treinamentos como calção, camiseta e tênis, alimentação após os treinos e ensinamentos específicos do esporte.

Os treinamentos são individualizados conforme o educando quer, ou seja, joga na posição em que se sinta bem. Não é o professor que escolhe a posição. Isso se torna uma maneira motivadora para que estes alunos frequentem com mais afinco o projeto. Com isso também começamos a exigir que estes alunos se saíssem bem nas escolas, aumentando assim a assiduidade nas salas de aulas e melhoras nas notas bimestrais.

Abaixo transcrevo as falas dos meninos em relação a esta questão.

DANILO: Eu entrei no basquete, principalmente por causa do meu sobrepeso, mas não só por isso, mas para aprender e fazer algum esporte que até então não havia tido a oportunidade de praticar um. O que eu esperava está acontecendo porque eu queria perder peso e isso está acontecendo conforme o treinamento, só que uma coisa que eu comecei a pensar é que o objetivo meu agora é de ir pra um time maior, pra mim seguir carreira, ter um futuro no basquete. E isso eu estou vendo porque conforme vai passando o tempo eu me sinto mais pronto pra jogar o basquete. Eu vejo que estou melhorando a cada dia que passa.

RODRIGO: Eu entrei no basquete por que eu gosto deste esporte e esperava encontrar novas amizades, ter mais disciplina na escola e outras varias coisas que eu vou aprender mais pra frente.[...] lá eu encontrei boas amizades por que antes eu só ficava com amizades ruins, assim como maconheiro, essas coisas assim, lá não, eu fiz novas amizades que eu posso confiar, posso chamar eles pra sair. Eu entrei no basquete por que eu gosto deste esporte e esperava encontrar novas amizades, ter mais disciplina na escola e outras varias coisas que eu vou aprender mais pra frente.

RODOLFO: *Entrei no basquete, porque, sei lá, eu brincava assim e via que eu tinha jeito pro basquete aí, o que eu esperava no basquete é o de melhorar mais o meu basquete, aprender mais e é isso.*

JOBSON: *Resolvi entrar no basquete para sair da rua, melhorar o meu convívio com os colegas na escola, aprender mais com as pessoas mais velhas é isso!. Esperava melhorar um pouco no basquete, tipo assim, quando nós vamos pro treino treina ter futuro, aprender mais um pouco é isso! Mudou muito a minha vida né, sai da rua, fiz novas amizades, encontrei pessoas legais lá como o professor Conrado, ensina a gente lá a viver com os colegas e adversários, muda tudo um pouco né, na escola, na comunidade é isso aí!*

VINÍCIUS: *Entrei no basquete pra te novas amizades, aprender coisas novas, sair um pouco da rua e o que eu esperava mesmo era aprender coisa nova porque só ficava na rua, não tinha nada pra fazer, o que tinha era de fazer bagunça. Esperava era de poder aprende a fazer algum esporte, porque eu não sabia fazer nenhum e tinha vontade de aprender.*

Apesar de não terem sido muito falantes sobre os motivos, percebem-se motivações semelhantes às do grupo de 1994, tais como: ter melhores amizades, sair da rua, aprender mais sobre o esporte, aprender coisas novas e por causa do sobrepeso (desejo de uma melhora física).

4.2.2. Aprendizados

Em nossas aulas conversamos sobre a vida de cada um com a família, bem como sobre o convívio com a sua comunidade.

Em relação à questão “O que o Projeto trouxe de aprendizado para você?”., as respostas dadas pelos alunos atuais foram as seguintes:

DANILO: *O principal aprendizado é que eu estou tendo a oportunidade de praticar um esporte né, porque eu nunca tive esta oportunidade antes e principalmente porque estou saindo da rua e não preciso ficar no meio da bandidagem fazendo bagunça pra rua.*

RODRIGO: *Antes de eu entrar no basquete, eu só arrumava amizade que não era boa, como maconheiro, de ladrão e essas coisas assim, depois que eu entrei no basquete, eu encontrei muitas pessoas amigas que eu posso confiar e eu posso contar com elas pra sempre porque eu sei que elas vão estar ali pra elas me ajudar.*

RODOLFO: *Ah! Eu to realizando assim um sonho meu NE, porque, tipo assim, ir pra um time maior, jogar profissional, ter um novo jeito de vida e tudo mais, jogar na NBA né, é isso.*

JOBSON: *Aprendi várias coisa lá tipo, arremessar, fazer bandeja de esquerda, o convívio com os menino lá no projeto, muita outras coisas lá, tipo assim, agilidade, pensar rápido, raciocinar mais é isso!*

VINÍCIUS: *Trabalhar em equipe, ver todo mundo de jeito igual, não ter diferença entre nenhum e respeito pelo próximo, ter mais educação.*

Nas respostas a esta questão, os alunos relatam sobre as amizades perigosas, tentando possuir um novo estilo de vida, afastando-se de amizades que podem trazer complicações, jogar em equipes grandes tornando-os jogadores profissionais, ter agilidade e raciocínio rápido e trabalho em equipe.

4.2.3. Mudanças

Neste item, com base na resposta dos alunos, buscamos interpretar se e o que realmente mudou na vida destes garotos frequentadores do Projeto Basquetebol e Cidadania.

As falas dos educandos nos trouxeram satisfação. Elas indicam que o trabalho está sendo bem feito, que está tendo retorno, que vários alunos estão procurando melhorar mais e mais os seus círculos de convivência, seja na educação, no trabalho, na família e na comunidade, ou até mesmo no aprendizado do basquetebol.

Este trabalho de Esporte Educacional vem proporcionando aos educandos uma propriedade de estar sempre levando algo novo para suas casas e suas comunidades, incentivando a busca do bom exemplo. Tudo isto, a partir da vontade do próprio aluno, já que o Projeto Basquetebol é uma ação educacional de cunho não formal.

Estas mudanças são de primeira necessidade na vida destes garotos, pois são crianças e adolescentes que, em diversos casos, passaram por perigo constante em suas famílias, na rua e na comunidade onde vivem.

As respostas à questão sobre as mudanças que o Projeto trouxe, foram as seguintes:

DANILO: No meu corpo, pelo fato de eu estar emagrecendo e nos meus hábitos por que eu estou fazendo um regime pra mudar os meus hábitos noturnos assim eu durmo mais cedo e na minha vida porque, eu chego lá eu divirto e tal e eu chego lá eu posso tá estressado no dia, eu chego lá e acaba tudo, por que eu chego lá e me divirto e descontraio bem.

RODRIGO: Trouxe agilidade no meu corpo, assim, eu posso correr com muito mais velocidade né, eu salto com mais altura do que eu saltava antes e é isso.

Nos seus Hábitos de vida?

DANILO: Ah! Com esse projeto eu tenho hora pra almoçar, dormir. Porque antes eu não tinha isso não eu almoçava eram duas horas da tarde, jantava eram nove, dez horas da noite. Agora não, eu tenho horário de almoçar, jantar e hora de dormir.

RODOLFO: R- No meu corpo estou crescendo mais, tendo mais impulsão pra fazer bandeja assim, estou correndo mais e tendo mais melhora física.

E na sua vida?

RODOLFO: Ah! Na minha vida mudou porque eu não sabia fazer amizade só fazia brincadeira sem graça e lá eu aprendi a ser mais educado.

JOBSON: No meu corpo trouxe a agilidade, ser mais rápido é maior impulsão, raciocínio, fica mais acordado, não fica tão mole né. Nos meus hábitos trouxe uma melhora no meu corpo, como alimentação melhor, dormir mais cedo, ser mais atencioso com meus familiares, melhorar na escola, e espero que traga mais aprendizado. Na minha vida mudou muito assim na minha família com os meus pais, com meus irmãos com os meus próprios amigos aqui da comunidade. Antes eu não estava nem ai assim, agora não eu me preocupo com os menores da comunidade, ajudo mais dentro de casa, ajudo minha irmã, por que antes não fazia nada queria só saber de rua e más companhias.

VINÍCIUS: Mudou bem, trouxe mais coordenação motora, meu físico, meu tamanho, nos meus hábitos foi de dormir mais cedo, almoçar, jantar, tudo na hora certa. Na minha vida foi o respeito porque, pessoas que eu não conhecia, tratava de qualquer jeito, era mal humorado. Não conseguia

obedecer as pessoas que eu não conheço, agora eu respeito, e com a minha família era com a minha mãe, porque eu não obedecia, não estava nem aí, não respeitava ela, mas agora já estou melhorando!.

Sobre as mudanças observadas todos citam o corpo em suas respostas, como a melhora de coordenação. Os relatos falam também de mudanças como o convívio em família e com as comunidades, bem como a convivência com colegas.

4.2.4. O Futuro

Estes alunos do Projeto Basquetebol e cidadania recebem algumas informações importantes de aprendizado esportivo e de vida. Acredito, na minha prática como educador no Projeto, que, com tais informações e valores, terão mais força para lutar e conseguir seu objetivo, para procurar sempre um melhor e mais saudável jeito de viver, na família e na comunidade. Acredito que perceberão que é importante, em tudo na vida, ir sempre em busca de algo que irá realmente modificar a sua vida de modo positivo.

As respostas à questão foram as seguintes:

DANILO: O que eu aprendi que até hoje é a principal delas é que : eu aprendi a não desistir fácil das coisas, porque no basquete exige persistência, e na vida é a mesma coisa, a gente tem que lutar pra conseguir nossos sonhos

RODRIGO: Você tem que ser solidário ao próximo e tem que compartilhar as coisas com ele , porque ele também é um filho de Deus tem que ser tipo um irmão pra gente.

RODOLFO: Ter um futuro melhor, ser um jogador profissional, jogar na NBA.

JOBSON: Primeiramente a educação. A educação que estou aprendendo né, mudei muito mesmo lá em casa, com meus amigos, na comunidade, respeito mais os meus pais, meus irmãos, antes não estava nem ligando não, a mãe falava pra não sairí, era mesma coisa que falar pode sair, agora

eu estou mais obediente, parei de ir um pouco na rua, sou assim agora bem mais tranquilo, é isso!

VINÍCIUS: *Ah! É ver as coisas diferentes, ter mais respeito com todo mundo, ver que as pessoas são igual, a melhora da minha alimentação, meu relacionamento com os meus amigos da comunidade, é tudo.*

Nas respostas à questão sobre o futuro, alguns dos entrevistados destacam o respeito às pessoas mais velhas, bem como ao fato de melhorarem hábitos e modos. Relatos trazem também o pensamento em um futuro melhor, ser solidário e não desistir das coisas facilmente, pois o basquete ensina a ser perseverante.

Como tivemos a oportunidade de trabalhar com todos os alunos do Projeto Basquetebol e Cidadania desde sua primeira turma, chegamos à conclusão que o trabalho desenvolvido com os alunos participantes do Projeto, sempre termina com o aprendizado de todos, sobre o poder de decisão, sobre o respeito aos mais velhos, com as mudanças de hábitos e no corpo e todos procuram ter um futuro melhor, tentando ser mais perseverantes, procurando um objetivo de conviver melhor, ou seja, ser mais sociável e sempre lutando para cada dia melhorar mais em seu comportamento, tanto na sociedade como em sua vida no dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa indica uma das possibilidades para lidar com as questões da adolescência e da juventude contemporâneas no Brasil, especialmente àqueles em chamada situação de risco social. Trata-se do esporte educacional, oferecido pela modalidade da educação não formal, maneira de lidar com adolescentes imersos em uma condição social repleta de agressividade, desobediência às regras de convivência social e ausência de cidadania.

A descrição e análise deste Projeto, levanta questões para aprofundar na Educação e Socialização de crianças e adolescentes que vivem uma situação de risco social.

Uma das questões é; a falta de interesse por parte da política local, em reconhecer que o Projeto Basquetebol e Cidadania, objetiva o resgate de crianças e adolescentes do crime, do alcoolismo, da vida fácil e das drogas. Um dos elementos necessários para a promoção desses garotos é a boa vontade de participar do projeto e obedecer às regras colocadas para o ensino-aprendizagem do Basquetebol.

Uma outra questão que vimos no decorrer desta pesquisa é a falta de equipamentos para a sua realização como: lugar adequado para a prática do esporte, o desinteresse por parte da política local e a falta de ajuda por parte da sociedade. Deve-se ressaltar a descontinuidade do Projeto e a teimosia por parte do educador do Projeto. Os alunos mais antigos lembram das condições dadas pelo poder público da época.

Toda prática educativa necessita da dedicação do educador para que sejam constituídos instrumentos adequados para a promoção da autoestima e trabalhar a responsabilidade de crianças e jovens. O resgate humano pelo esporte indica a possibilidade de construção de uma identidade coletiva

partindo de identidades individuais capazes de desenvolver um sentimento de respeito e valorização de si mesmo.

De toda forma, fica evidente a falta de equipamentos sociais nos bairros da periferia da cidade, como centros de juventude, ou até mesmo clubes públicos, onde os jovens possam ter acesso ao lazer, que forneçam recursos para sua integração à sociedade, possibilitando assim o seu desenvolvimento integral.

Os jovens que freqüentam o Projeto Basquetebol e Cidadania dão muito valor à família, pois em várias respostas às perguntas feitas, disseram que gostariam de ajudar a família, que gostariam que a família sentisse orgulho deles e que prestasse mais atenção em suas vidas.

Quanto à relação desses jovens com o projeto, além de dar o conhecimento de um convívio social, é a ocupação do seu tempo ocioso, uma distração, após começarem a freqüentar o Projeto estão mais calmos e mais controlados, dizendo que suas vidas mudaram muito após o conhecimento das regras colocadas para ser seguidas e comparadas com o seu dia a dia.

Com relação à educação, todos os jovens que frequentaram e frequentam o “Projeto Basquetebol e Cidadania” passam a dar valor à formação em uma profissão, para que usufruam de liberdade dentro da procura de uma nova etapa de vida, trilhando um caminho mais seguro para a vida cidadã. Isto não quer dizer que todos os que frequentam o projeto necessariamente viverão em melhores condições, pois não podemos colocar aqui que este projeto seja a salvação da juventude, pois, apesar de todo o esforço dos educadores, ainda assim alguns se perdem e nunca mais conseguem se encontrar.

Baseado em autores citados e em nossa observação participante, verifica-se que atualmente o jovem tem acesso à escola mais do que em outras épocas, mas isso não quer dizer que são plenamente garantidos os direitos que o jovem possui de uma educação de qualidade. Acredito que o estudo deve garantir ao jovem uma condição melhor de ensino acasalado com uma

política social, visando o reconhecimento das diferenças, enxergando cada criança ou adolescente com um potencial diferente.

Com relação à socialização desses jovens, pude observar que quanto mais cresciam no esporte (técnico e tático), começavam a ter um novo status na escola, na comunidade e na sociedade. Com isso aumentava a sua autoestima, criando assim uma nova possibilidade de crescimento educacional em todos os setores de sua vida. Isto significa que quanto mais estes educandos melhoravam na prática esportiva, mais sociáveis ficavam, ao ponto de serem exaltados por outros colegas que não praticavam essa educação esportiva. Quando se colocavam o desejo de ser o melhor no esporte, tantas vezes se viram na obrigação de pelo menos ser também o melhor na escola, em sua comunidade e na sociedade.

Toda prática educativa requer dedicação, é um exercício constante de dar e receber. Todo educador deve ser uma constante procura pelo conhecimento, dedicando-se ao planejamento das atividades e, portanto, sempre desafiando seus educandos, desconstruindo conceitos e construindo novos horizontes.

Espero que esta dissertação possa servir a alguns pesquisadores como parâmetro de educação, socialização e, como meio de transmissão de conhecimento e de trabalho social, somando a tantas outras experiências bem sucedidas na práxis educativa para a melhora da educação contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S. A. A socialização incompleta: os jovens delinquentes expulsos da escola. **Revista Idéias**, nº21, São Paulo: FDE, 1994, p. 67-75.

AGUILAR, J.M.; ANDER-EGG, E. **Avaliação de serviços e programas sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ANTUNES, C.; **Alfabetização emocional**. São Paulo, Terra, 1996.

BENTO, J.O.; GARCIA, R.; GRAÇA, A. **Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas**. Lisboa: Livros Horizontes, 1999.

BENTO, J.O. **Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins**. In: Gaya, A; Marques, A. & Tani, G. Desporto para crianças e jovens. Razões e finalidades. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

_____. **Em Defesa do Desporto**, In: Bento, J.O. e Constantino, J.M. Em Defesa do Desporto: mutações e valores em conflito. Coimbra: Almadina, 2007.

BETTO, Frei. **Desafios da educação popular: as esferas sociais e novos Paradigmas da Educação Popular**. Disponível em <http://www.mur.com.br/download/betto.doc> acesso em 01/03/2007.

BRANDÃO, C. R. **Em campo aberto: escritos sobre a educação e cultura popular**. São Paulo: Cortez, 1995.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRACHT, Valter. Esporte na escola de rendimento. **Revista Movimento**. Escola Superior de Educação Física da UFRGS, Ano VI, n.12, 2000.

_____. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória, UFES – Centro de Educação Física e Desporto, 1997.

_____. **Educação física e aprendizagem social**. Editora Magister, Porto Alegre, 1992.

BRACHT, V., ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v.24, p. 87-101, mai 2003.

BRASIL, **Congresso Nacional. Estatuto da Cidade**: Lei n. 10.257 de 10 de julho de 2001. Brasília, 2001.

BRONH, J. M. (org) **Deporte, Cultura y Represión**, Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1978.

BULLA, Leonina Capaverde; MENDES, Jussara Maria Rosa; PRATES, Jane Cruz (org.) **As múltiplas formas de Exclusão Social**. Porto Alegre: Federação Internacional de Universidades Católica:EDIPUCRS, 2004.

CAMPOS, Rogério Cunha. **A luta dos trabalhadores pela Escola**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

CARO, Sueli Maria Pessagno; GUZZO, Raquel Souza Lobo. **Educação Social e Psicologia**. Campinas: Alina, 2004.

CARRANO, Paulo César Rodrigues; SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude e políticas públicas no Brasil**, 26ª Reunião Anual do ANPED, Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003.

CARVALHO, Y.M.; BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Trad. De Carmem C. Varrialle e outros. 4ª edição. Brasília-DF, Universidade de Brasília, 1992, v.1 e 2.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Projeto Social Esporte e lazer da cidade**: da elaboração conceitual à sua implementação. In: *Gestão Pública e política de Lazer: a formação de agentes sociais*/ Lino Castellani Filho (org.). – Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, 2007. _____. O esporte na nova república. **Revista Corpo e Movimento**, n.4, p. 7-10, Abr, 1985.

CASTRO, G. M.; ABRAMOVAY, M. **Cultura, identidades e cidadania:** experiências com adolescentes em situação de risco. In: Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília: CNPD,1998. p.571-642.

CHAUÍ, Marilena. S. Uma ideologia perversa, **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 de mar de 1999, Caderno Mais p..3,1999.

DAIUTO, Moacyr. **Basquetebol metodologia do ensino**. 5ª ed. São Paulo. Ed. Brasipal Ltda, 1983. p. 416.

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1995.

ESPORTE NA ESCOLA. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 1-35, 3 mar, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

GAYA, Adroaldo; TORRES, Lisiane. **A cultura corporal do movimento humano e o esporte educacional, 2004**. Programa Segundo Tempo/Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira, Gianna Lepre Perim (organizadores) –Maringá: Eduem, 2008 p.57.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e cultura política: impactos do associativismo no Terceiro Setor. São Paulo: Cortez, 1999.

GRAÇA, A. **O Desporto na escola:** enquadramento da prática, In: Gaya, A; Marques, A.; Tani, G. Desportos para crianças e jovens. Razões e finalidades. Porto Alegre:UFRGS, 2004.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere.Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v.1.

HASSENPFUG, W. **Educação pelo esporte-educação para o desenvolvimento humano pelo esporte**. São Paulo: Saraiva / Instituto Ayrton Senna, 2004.

HARGREAVES, J. **Sport, culture and ideology**: London: Routledge & Kegan Paul, 1982.

IBGE, Censo demográfico, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em 14 de junho de 2009.

KORSAKAS, P. **O esporte infantil:** as possibilidades de uma prática educativa. In: JUNIOR, D. P. Esporte e atividade Física na Infância e na Adolescência, Porto Alegre. Ed. Artemed, 2000, p. 39-50.

KUNZ, Eleanor. **Transformação didático-pedagógico, do esporte.** Ijuí, UNIJUÍ, 2000.

LANDIM, Leilah. **Múltiplas identidades das ONGs.** In: HADDAD, Sergio (org.), ONGs e Universidades. Desafios para a coordenação na América Latina. São Paulo: Abong, Peirópolis, 2002.

LAZZAROTTI FILHO, A. **Formação para a ação:** A experiência do esporte e lazer da cidade no “nortão” do Mato Grosso. In: Gestão Pública e política de Lazer: a formação de agentes sociais/ Lino Castellani Filho (org.). – Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática/José Carlos Libâneo.** São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação de professor).

LINHALES M. L. **Políticas públicas para o esporte no Brasil:** interesses e necessidades, In: SOUZA, E. S. VAGO, T. M. (org) Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Ed. Cultura, 1997. p. 219-229.

LIPOVESTSKY, G. **A era do vazio:** Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Trad. Therezinha Monteiro Deustch. Barueri: Manole, 2005.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

MANACORDIA, Maria Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MASCARENHAS, Fernando. **Outro lazer é possível!** Desafio para o esporte e lazer da cidade. In: Gestão Pública e política de Lazer: a formação de agentes sociais. Lino Castellani Filho (org.). Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, 2007.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer:** uma introdução. Campinas: Autores Associados, 2000.

MORAIS, N.A.; KOLLER, S.H. **Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência:** ênfase na saúde. In: KOLLER, S.H. A ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenções no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 91-108.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Educação, saber, produção em Marx e Engels**. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1990.

OLIVEIRA, M. A. T. de. **A revista brasileira de educação física e desportos (1968-1984) e a experiência de professores da rede municipal de ensino de Curitiba:** entre a adesão e a resistência. 2001, 399f. Tese (doutorado em educação: história e filosofia da educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

FERNANDES, Renata Sieiro, **Educação não-formal:** memórias de jovens e história oral, - Campinas, SP; UNICAMP/CMU Publicações; Arte Escrita, 2007, p.30.

RÚBIO, K. (orgs.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo; Hucitec, 2001. p. 69 – 155.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **As culturas negadas e silenciadas no Currículo** In: Silva, Tomas Tadeu(org). Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Rio de Janeiro; Vozes, 1995,p.159-177.

SIMSON, O. R. de von. **A valorização da diferenciação sociocultural como fator de integração de estudantes em situação de risco: uma discussão de uma experiência concreta** – O projeto de Paulínia (SP). In: Simson, O.R.von; PARK, Margarete; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs). Educação Não Formal: Cenários de criação. Campinas-SP: Ed de Campinas/Centro de Memória, 2001.

SPOSATI, Aldaísa, **Gestão intergovernamental Para o enfrentamento da exclusão social no Brasil** in. NOLETO, Marlova J.; WERTHEIN, Jorge. Pobreza e desigualdade no Brasil: traçando caminhos para a inclusão social no Brasil. Brasil: UNESCO, 2003.

TANI, G. **Desportos para crianças e jovens, razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

TRILLA, J. **La educación fuera de la escuela. Ambitos no formales y educación social**. Barcelona. Ariel. 1993.

TUBINO, M. G. J. Os impactos do fenômeno do esporte na sociedade contemporânea. In: MOREIRA, W. W.; SIMOES, R. (org) Fenômenos esportivos no início de um novo milênio. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000. 275p.

_____. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo. Cortez, 2001

TUBINO, M. G. J., GARRIDO, F. A. C. **Dicionário Enciclopédico Tubino do esporte**. Senac, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano na sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2001.

Simson, O.R.von; PARK, Margarete; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs). **Educação não formal: cenários de criação**. Campinas-SP: Ed de Campinas/Centro de Memória, 2001.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)